



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO**  
**COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**JORGE GAUTHIER SANTOS SOUZA**

**MÃES, FILHOS E CÁRCERE:**  
**O NASCIMENTO ATRÁS DAS GRADES**

Salvador

2009

**JORGE GAUTHIER SANTOS SOUZA**

**MÃES, FILHOS E CÁRCERE:  
O NASCIMENTO ATRÁS DAS GRADES**

Memória descritiva do documentário “Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Washington José de Souza Filho

Salvador

2009

## ERRATA

<b>Bloco</b>	<b>Tempo</b>	<b>Onde se lê</b>	<b>Leia-se</b>
Encerramento	20'22"	Infografia	Arte gráfica

**JORGE GAUTHIER SANTOS SOUZA**

**MÃES, FILHOS E CÁRCERE:  
O NASCIMENTO ATRÁS DAS GRADES**

Memória descritiva do documentário “Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 3 de julho de 2009.

**Banca Examinadora**

Professor Washington José de Souza Filho – Orientador  
Universidade Federal da Bahia

Professor Giovandro Marcus Ferreira  
Doutor em Ciências da Informação Medias pela Université de Paris II  
Universidade Federal da Bahia

Às memórias de

João Demostenes Sousa, meu pai (1945 -2007).

Maria Andrade dos Santos, minha avó (1934 – 2007).

## AGRADECIMENTOS

Quatro anos de graduação sintetizados em um único e valioso trabalho. Um vídeo com menos de 30 minutos resume os oito semestres de dedicação, esforço e superação. Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me dado forças para superar tantas adversidades nesse sinuoso caminho pelo diploma de jornalista. Inicialmente, ele era o sonho de um homem: João Demostenes Sousa, meu pai. Porém, quis o destino que ele partisse da terra. Desde então, esse sonho passou a ser meu objetivo de vida.

Minha mãe, Evandir Andrade dos Santos Sousa, e minha irmã, Ingrid Nayan Santos Souza, passaram a ser as minhas fontes de energia e grandes estimuladoras dessa meta. Para ultrapassar cada obstáculo, e não foram poucos, contei com a força do destino que colocou pessoas especiais na minha vida. Impossível esquecer os amigos Anael Moreira, que com suas palavras de conforto me proporcionou tranquilidade nas turbulências, Lílian Santiago, que com sabedoria orientou no meu amadurecimento e Georganes Isaac pela irmandade eterna.

Na formação acadêmica, tive a honra de ter mestres que engrandeceram e instigaram meu conhecimento: Ana Paula Guedes (Comunicação Audiovisual), Giovandro Marcus Ferreira (Teorias do Jornalismo), Leandro Colling (Comunicação Jornalística e Temas Especiais em Jornalismo) e Simone Bortoliero (Oficina de Telejornalismo/ projeto Unicamp de jornalismo ambiental).

Em especial, meu orientador, Washington José de Souza Filho, com quem tive a oportunidade de aprender por quatro semestres (Televisão Brasileira, Ibiúna 68, Desenvolvimento Orientado de Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso). Já na capacitação técnica contei com a experiência de pessoas especiais: Marcos Nunes, Paulo Silva e Selma Barbosa (funcionários do Laboratório de Televisão e Vídeo).

Apesar dos percalços, nem tudo foi difícil nessa jornada faconiana. Mudei meu pensamento sobre a vida, cresci como cidadão e fortaleci minhas convicções sobre o jornalismo. Além disso, conquistei amigos que irão me acompanhar a vida inteira: Alan Botelho, Anderson Sotero, Carina Barbalho, Eric Carvalho, Inês Costal, Jane Evangelista, Juliana Montanha, Juliana Souza, Matheus Feitosa, Neumar Rosário, Rebeca Bastos, Robson Carneiro, Taciana Gacelin e Thiago Pereira.

Além disso, agradeço às detentas e funcionários do Conjunto Penal Feminino da Bahia que fizeram a realização desse trabalho possível.

Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta;  
Não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.

Cecília Meireles, 1953

## RESUMO

As mães que gestam seus filhos em unidades prisionais são obrigadas a se separar dos recém-nascidos após o final da amamentação, segundo a Lei de Execuções Penais. O documentário *“Mães, Filhos e Cárcere – o nascimento atrás das grades”* mostra a realidade vivida pelas mães detentas do Conjunto Penal Feminino da Bahia que convivem com a angústia da separação futura. O cárcere modifica os padrões de vida, podendo vir a desenvolver alterações no comportamento do presidiário, principalmente para mulheres que estão afloradas sentimentalmente em virtude da gestação. O ambiente de prisão é envolvido em uma atmosfera de constantes tensões e luta pela sobrevivência. Na convivência em presídios, manicômios e ordens religiosas, por exemplo, a maior dificuldade é manter o equilíbrio emocional. As mães detentas vivem em uma linha tênue, pois precisam controlar as interferências do ambiente inóspito para conseguir formar as bases dos seus filhos na primeira infância.

**Palavras - chave:** Comunicação. Cultura Contemporânea. Jornalismo. Documentário. Sistema Prisional. Mulheres grávidas.



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	8
<b>2. DO OUTRO LADO DOS MUROS</b>	12
<b>3. AS MÃES E O CÁRCERE</b>	16
<b>4. A MULHER, O CRIME E A LEI</b>	23
<b>5. DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b>	27
<b>6. PROCESSO PRODUTIVO</b>	32
6.1 LUZ, CÂMERA E AÇÃO	34
6.2 SELEÇÃO E MONTAGEM	41
6.3 INVESTIMENTO	44
<b>7. APRENDIZADO</b>	45
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	48
<b>9. ANEXOS</b>	52
A - ROTEIRO	52
B – AUTORIZAÇÕES DE USO DE IMAGEM	66

## 1. APRESENTAÇÃO

Maternidade, família, e crianças. A relação entre esses três elementos da sociedade sofre variadas influências quando o convívio acontece dentro de unidades de cerceamento da liberdade. A vivência no sistema carcerário é rodeada por diversas situações coercitivas para os detentos, incluindo mecanismos de tortura e punições, que não poupa nenhum dos seus membros. Esta é a temática do documentário jornalístico “*Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades*”, que apresento como requisito parcial para conclusão do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

O vídeo mostra relatos de cinco mulheres que viveram esta situação no Conjunto Penal Feminino da Bahia localizado em Salvador. As pessoas que estão encarceradas, segundo Goffman (1961), sofrem desordenamentos comportamentais em virtude das pressões existentes. No caso das mulheres grávidas, além das coações cotidianas nos presídios, há uma que gera mais conflitos: a certeza que deverão se separar dos filhos. Após o nascimento, o bebê pode ficar com a mãe, por determinado período, apenas para fins de amamentação.

“Eu já tive vontade de fugir e nunca mais voltar. Preciso criar meus filhos. Tenho dois que estão lá fora e estou esperando mais dois, que também ficarão longe de mim. Estou presa. Não posso cuidar de meus filhos” (informação verbal). Esse desabafo é de Elisabete Almeida Santos, 29 anos, sentenciada há quatro anos de reclusão, que cumpriu pena por quase dois anos no Conjunto Penal Feminino. Ela foi acusada de assalto<sup>1</sup> e em julho de 2008 vivia o drama de estar presa e grávida de gêmeos. “Estava vendendo churrasquinho nas proximidades do Barradão [estádio de futebol Manoel Barradas, Salvador] quando um rapaz disse que eu tinha roubado o celular dele. Eu já estava grávida de quatro meses e vi minha vida acabar naquela hora”, lembra. (informação verbal)

O fato de gestar filhos em unidades prisionais provoca desordenamentos emocionais às mulheres, além de ter reflexos na vida futura da criança, e

---

<sup>1</sup> Artigo 157 do Código Penal. A pena prevista é de 4 a 10 anos, mas como foi a mão armada, ou seja, com o emprego de arma, a pena pode aumentar de um terço até metade, segundo a conformidade do juiz.

consequentemente da família. O artigo 14 da Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984, Lei de Execução Penal (LEP), determina que a mãe detenta pode ficar com o filho recém nascido apenas para fins de amamentação. Contudo, não orienta os estados para delimitar os prazos mínimo e máximo de permanência da criança com a mãe no cárcere.

Em 28 de maio de 2009, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou projeto de lei que modificou a legislação<sup>2</sup>. De acordo com o decreto, publicado no Diário Oficial da União, todos os estabelecimentos penais destinados a mulheres estão obrigados a possuir berçário, nas quais condenadas possam cuidar de seus filhos, no mínimo, até seis meses de idade. Entretanto, o prazo máximo de permanência ainda fica condicionado ao término da amamentação.

Na Bahia, o Comitê Gestor da Comissão Institucional do Sistema Prisional já havia resolvido, em 2006, fixar o tempo da amamentação como prazo mínimo para que a detenta permanecesse na companhia do filho recém-nascido. O período é o principal elemento de desestruturação emocional entre as detentas gestantes. A certeza da separação é o que provoca a maximização das tensões em algumas, como é o caso de Elisabete que desenvolveu problemas de pressão arterial por causa do sofrimento provocado pela ideia de não conviver com os filhos, aliada as outras tensões da vivência no presídio. “Eu não sei o que vai acontecer comigo quando o meu leite secar. Meus filhos vão ficar longe de mim. Vou perder a razão de viver”. (informação verbal)

O decreto presidencial também ordena que as secretarias estaduais construam seções para gestantes e parturientes além de creche para abrigar crianças maiores de seis meses e menores de sete anos, com a finalidade de assistir a criança desamparada cuja responsável estiver presa<sup>3</sup>. A lei indica que, ao término da amamentação, se a família da presa não tiver condições sociais, psicológicas e econômicas para criar a criança, o menor deve ficar sob a custódia do Estado.

---

<sup>2</sup> São requisitos básicos da seção e da creche referidas neste artigo: o atendimento por pessoal qualificado, de acordo com as diretrizes adotadas pela legislação educacional e em unidades autônomas; horário de funcionamento que garanta a melhor assistência à criança e à sua responsável. Para o cumprimento do que dispõe esta Lei o presidente definiu que deverão ser observadas as normas de finanças públicas aplicáveis.

<sup>3</sup> O Brasil tem apenas uma unidade prisional exclusiva para atendimento a gestantes e parturientes. O Centro de Referência da Gestante Privada de Liberdade localizado em Vespasiano, Minas Gerais, foi inaugurado em 2008. A unidade possui salas para revista, serviço administrativo, refeitórios, pátio para banho de sol e outras dependências comuns aos demais presídios. Uma equipe multidisciplinar presta atendimento médico, incluindo pré-natal, pós-parto, cuidados pediátricos com o bebê; assistência psicossocial, odontológica, educacional e social. O centro abriga detentas grávidas a partir do 7º mês de gestação ou que ainda tenham a guarda dos filhos. Os bebês permanecem com as mães até os 12 meses de idade. Após este período, a criança é encaminhada para a guarda da família da detenta, para um abrigo de menores ou, em último caso, para a adoção.

No Conjunto Penal Feminino da Bahia, esta mesma determinação foi ordenada após inspeção realizada em cinco de agosto de 2008, pela juíza de direito Andreamara dos Santos, titular da Vara de Execuções Penais de Salvador. Foi estabelecido um prazo de 120 dias para que houvesse a construção do espaço na unidade. Apesar disso, até o fechamento deste trabalho, ainda não havia começado a construção.

A coordenadora de gestão integrada da ação penal da Superintendência de Assuntos Penais da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH) da Bahia, Denise Tourinho, alegou que não há recursos disponíveis para oferecer essas condições para as mulheres encarceradas do estado. A unidade mantém há 15 anos uma parceria com o lar Nova Semente, mantido por uma organização não governamental italiana, que cuida das crianças enquanto as mães ficam encarceradas. A creche funciona dentro do Completo Prisional do Estado, onde também fica o Conjunto Penal Feminino. São permitidas visitas semanais das crianças às mães.

D'Eça (2006) indica que desde o início da colonização, o Brasil serve como exílio para os presos condenados ao degredo pela corte de Portugal. Com a chegada da família real portuguesa, em 1808, a legislação penal no Brasil ficou a cargo das Ordenações Filipinas e o degredo foi instituído como estratégia do governo português de se desfazer de parte da sua população. Contudo, o sistema prisional brasileiro apenas foi implantado com a Constituição de 1824. Através dela, ficou estabelecido que as prisões deveriam ser seguras, limpas, arejadas, havendo a separação dos réus conforme a natureza de seus crimes. Sendo que as primeiras unidades de reclusão eram calabouços sem nenhuma estrutura e preocupação com a ressocialização dos detentos.

Pedroso (2004) apresenta dados que no relatório do Conselho Penitenciário do Distrito Federal de 1927 acontece o primeiro relato da presença de mulheres presas em um calabouço. Eram 187 escravas detidas junto com os homens no final do século XIX. Apenas a partir do século XX, houve a necessidade de segmentar os presos segundo categoriais criminais: contraventores, menores, processados, loucos e mulheres. No entanto, a presença reduzida de mulheres nos cárceres até então não justificava a existência de estabelecimentos penais exclusivamente femininos.

No estudo 'Os sistemas penitenciários do Brasil', José Gabriel Lemos Brito, membro do Conselho Penitenciário, que foi instalado em 1º de dezembro de 1924 no Brasil, propôs a construção de uma prisão nacional, localizada no Rio de Janeiro, onde foram recolhidas as mulheres criminosas de todos os estados, condenadas a penas

maiores de quatro anos. Nesta época, as causas mais comuns para a condenação feminina eram: a desordem, a vadiagem, o furto, ferimentos e infanticídio.

Atualmente, mesmo com a existência de penitenciárias específicas por sexo, houve uma diferenciação no tipo de crime que levam as mulheres às cadeias em função das alterações econômicas da sociedade. O envolvimento com o tráfico de drogas e o roubo são os principais elementos favorecedores do cárcere feminino, segundo Silvana Maria Salem, diretora do Conjunto Penal Feminino da Bahia. Fabris (2009) indica que a adoção do modelo neoliberal gerou baixo crescimento e turbulências financeiras na economia brasileira.

Acresce-se a isso a escalada do tráfico de drogas e de armas, a a partir de meados dos anos 1980, que trouxe cada vez mais para fora das favelas urbanas e suburbanas (que não param de inchar) uma realidade antes confinada a esses bolsões de miséria, de subempregos, de moradias precárias, de falta de saneamento básico, assistência à médica, educação, etc. (FABRIS, 2009, p.107).

Através da entrada de mulheres em unidades prisionais abriu-se o precedente para que bebês fossem gestados dentro das cadeias. Não há registros oficiais de quando nem em qual unidade prisional houve o primeiro caso de gestação consumada. O registro mais antigo do Ministério da Justiça do Brasil é de 2005. Segundo o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen, 2005) neste ano havia 57 bebês convivendo com as mães na prisão. Contudo, desde então não consta nos relatórios do Ministério a quantidade de crianças que vivem com as mães no cárcere.

No caso das gestantes, é perceptível que há uma potencialização da tensão na convivência na cadeia pelo fato de estarem gerando uma vida em um local que está cercado por uma atmosfera de criminalidade e sofrimento. As detentas gestantes são de certa forma, poupadas de torturas físicas, contudo estão mais propícias, pela sensibilidade natural adquirida com a gravidez, a serem vítimas de torturas psicológicas.

## 2. DO OUTRO LADO DOS MUROS

Complexo Prisional do Estado da Bahia. Bairro da Mata Escura, região norte de Salvador. No seu interior estão situadas a Penitenciária Lemos Brito, o Conjunto Penal Feminino, o Presídio de Salvador (antiga Casa de Detenção) e o Centro de Observação Penal (COP), que recepciona presos oriundos do interior do Estado, antes do seu ingresso em uma das unidades<sup>4</sup>. São quatro unidades prisionais com cerca de 3000 pessoas privadas de sua liberdade. Vidas guardadas atrás de muros de concreto e grades de ferro, que limitam o contato dessas pessoas com o mundo externo e consequentemente preserva relatos de vidas extremamente valiosos do ponto de vista jornalístico de comprometimento com a sociedade.

O contato com o sistema prisional brasileiro favorece o conhecimento de um universo de convivência social extremamente diferenciado. Os estudos relacionados aos aspectos sociais fizeram parte do meu convívio no período da graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, que serviram de embasamento para a construção do documentário. Desde a disciplina Teorias do Jornalismo, no primeiro semestre com o professor Giovandro Marcus Ferreira, entrei em contato com os aspectos inerentes às práticas da profissão focadas no cumprimento do papel social que o jornalismo possui de trazer ao conhecimento geral questões que estão “escondidas”.

O jornalismo deve fornecer um fórum para a crítica pública e a conciliação. (...) Todas as formas usadas pelos jornalistas no dia-a-dia podem servir para essa função: a de criar fóruns, ao alertar o público para temas que de certa forma estimulam julgamentos. A curiosidade natural do ser humano significa que ao informar sobre eventos programados, denunciar práticas incorretas ou revelar uma tendência

---

<sup>4</sup> A Casa de Albergados e Egressos, apesar de instalada fora do Complexo Penitenciário, apenas está separada dele pela via asfáltica do bairro da Mata Escura, contando com o mesmo corpo de policiamento da Polícia Militar lotado no Complexo. Outra unidade de reclusão em Salvador é a Colônia Agrícola Lafayette Coutinho localizada no bairro de Castelo Branco.

em desenvolvimento o jornalismo faz as pessoas pensarem. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p.206).

Na disciplina Comunicação Jornalística, no segundo semestre, desenvolvi uma grande reportagem sobre pessoas da cidade de Salvador que viviam em áreas com risco de desabamento. A matéria, orientada pelo professor Leandro Colling, me colocou em contato com pessoas que estavam no limite do sofrimento. Na Oficina de Jornalismo Impresso, no terceiro semestre, que produz jornais laboratoriais, tive a primeira oportunidade de atravessar os muros de isolamento do Complexo Prisional para realizar uma reportagem sobre o funcionamento da Penitenciária Lemos Brito. No contato com alguns detentos, pude perceber as diferenças de convivência que existe para as pessoas que estão com a liberdade cerceada. A rotina nas unidades prisionais é pautada por uma série de códigos e regras que funcionam como um universo paralelo.

No dia desta reportagem, em agosto de 2006, acabei presenciando a entrada de um grupo de crianças no Conjunto Penal Feminino. Eram filhos de detentas, que viviam no Lar Nova Semente, seguindo seu caminho para visitar as mães. Em uma conversa que durou pouco mais de cinco minutos com a Irmã Adele Pezone, mantenedora da creche que funciona dentro do Complexo Penitenciário, ouvi o relato do sofrimento sentimental que era para mães e filhos viverem separados. “É muito triste para eles viverem separados. Quando acaba a visita é como se nós arrancássemos os corações dessas mães”, apontou a religiosa que há 15 anos se dedica a este trabalho social. (informação verbal)

No Brasil, de acordo com dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen, 2007), há cerca de 25 mil mulheres reclusas. Não há dados exatos, mas estima-se que cerca de 260 delas estão grávidas, ou mesmo já deram a luz dentro do período de cumprimento da pena. Pensar que uma gestação é desenvolvida no ambiente prisional é algo que me causou extrema preocupação social, aliado ao interesse jornalístico de averiguar como se transcorre essa complexa problemática. É algo dicotômico: as crianças já nascem presas e sem o direito de saírem do complexo prisional. No entanto, é atribuição da mãe cuidar do filho, ação que ela apenas pode realizar, de forma direta, se ela estiver convivendo com a criança.

No desenvolvimento do período da graduação passei a buscar referências nas temáticas sociais direcionando para os conteúdos abordados de forma audiovisual. Realizei, por exemplo, na função de repórter e roteirista um documentário sobre a

Independência da Bahia com foco nos personagens populares que fazem parte da comemoração do dia 2 de julho. Além disso, me dediquei às atividades como monitor do Laboratório de Televisão e Vídeo da Faculdade de Comunicação, desde o quinto semestre, com a orientação dos professores de telejornalismo Simone Bortoliero e Washington José de Souza Filho, inicialmente como voluntário. Por um ano e meio integrei a equipe do LTV, onde aprendi as técnicas e linguagens do jornalismo feito para televisão. O trabalho na edição (linear e não-linear) de reportagens e vídeos produzidos por outros estudantes ainda me conferiu habilidades fundamentais para o tratamento das pessoas dentro de um ambiente profissional.

A partir do sexto semestre comecei a realizar visitas ao Conjunto Penal Feminino. Em conversas com algumas detentas e funcionários percebi que dentro do sistema prisional a mulher exerce inúmeras funções, contudo, a mais conflituosa é a maternidade. Foi esse aspecto desse universo complexo que me chamou atenção para a construção do trabalho: as mulheres que cumprem pena durante a gravidez. São comuns os relatos emocionados das detentas gestantes e lactantes quando falam da iminência da separação dos filhos. Elas afirmam serem vítimas de medidas de coação, tanto de funcionários do presídio quanto das próprias “companheiras” de prisão, visto que estão imersas num ambiente que segundo Foucault (1987), há além do sofrimento físico punições e medidas coercitivas para todos os viventes em unidades de restrição da liberdade.

As mulheres que estão com a liberdade cerceada passam por um processo de abalo psicológico, que provoca alterações comportamentais, que interferem na gestação. Na convivência em instituições totais, como por exemplo, presídios, manicômios e ordens religiosas, de acordo com Goffman (1961) há dificuldade em manter o equilíbrio emocional. Para ele há um “desequilíbrio de identidade”, mecanismo pelo qual as pessoas modificam seus padrões de comportamento em virtude do meio em que vivem.

As detentas grávidas se norteiam por dois pólos de identificação: o de presidiária, envolvidas na lógica da sobrevivência em unidades de reclusão e a de mãe, pautada no instinto de ter que gerar seu filho num ambiente inóspito. Dessa forma, entende-se que as mulheres que geram seus filhos dentro de penitenciárias estão envolvidas num processo de conflitos. Como resultado, pode-se perceber o aumento do nível das tensões sobre essas mulheres.

O instinto maternal tende a prevalecer nas ações comportamentais, mesmo ultrapassando as imposições das limitações do sistema carcerário, fatos como, por



exemplo, os pensamentos de fuga são comuns entre as detentas grávidas, como relata Elisabete Almeida Santos. “Eu quero fugir desse lugar. Não aguento mais ficar aqui. Cadê? Cadê minha lili [liberdade], meu Deus?”. (informação verbal)

No caso das mulheres grávidas, geralmente, os atos psicológicos de repressão, segundo Foucault (1987), também são marcações tão fortes quanto as físicas. Por isso, decidi traçar um diagnóstico social e emocional das mulheres detidas no Conjunto Penal Feminino da Bahia como meu projeto experimental de conclusão de curso. O objetivo é apresentar à sociedade o que eu visualizei dentro daqueles muros, que abrigam tantas dores e angústias.

Para desenvolver essa empreitada vislumbrei duas alternativas: livro-reportagem ou documentário. Apesar de gostar de relatar histórias de forma escrita, percebi que o trabalho ganharia outra dimensão de fosse tratado com imagens, para que as pessoas conseguissem visualizar parte desse universo. O documentário é uma forma dinâmica para trazer ao âmbito da comunicação uma temática que mexe com os principais pilares da sociedade.

A alma do documentário é a mesma. A possibilidade de que ele tenha que mudar, durante a filmagem, se ajustando aos fatos e à realidade que focaliza. Talvez a graça do trabalho seja essa, a possibilidade, a tendência para a mudança. (ATHAYDE & BILL. 2007, p.22).

### **3. AS MÃES E O CÁRCERE**

A vivência no sistema carcerário é norteadada por várias situações periclitantes para os detentos, incluindo mecanismos de torturas e punições. O cerceamento da liberdade cumprindo a pena imposta pela justiça modifica os padrões de vida dos condenados, podendo vir a desenvolver alterações no comportamento. De acordo com Goffman (1961), na sociedade civil, na época em que o indivíduo se torna adulto já há uma incorporação de padrões sociais para a realização das suas atividades básicas. Quando ele está recluso existe uma mudança na manutenção da rotina, que favorece as alterações comportamentais, como por exemplo, as constantes variações de humor e a potencialização da violência.

A necessidade de manter o controle social das instituições prisionais, segundo Goffman (1961) traz graves prejuízos à conduta do delinquente durante o cumprimento da pena. Principalmente através da obrigação do cumprimento de regras infligidas por outros grupos de internados, mediante a um sistema de imposição de atividades, geralmente pelo uso da força. A convivência em unidades prisionais implica no contato com diversas punições. Foucault (1987) indica que a arte de punir repousa sobre uma série de abusos que constituem a formação de um código de ética próprio, instituindo um novo arsenal de penas, que modelam o sistema prisional em um ambiente com grande possibilidade de serem encontrados mecanismos torturantes de punição.

A punição ideal será transparente ao crime que sanciona; assim, para quem contempla, ela será infalivelmente o sinal do crime que castiga; e para quem sonha com o crime, a simples ideia de delito despertará o sinal punitivo. Vantagem para a estabilidade da ligação, vantagem para o cálculo das proporções entre crime e castigo e para leitura quantitativa dos interesses; pois tomando a forma de uma consequência natural, a punição não aparece como o efeito arbitrário de um poder humano. (FOUCAULT, 1987, p.95)

Todas as pessoas que estão em unidades prisionais são alvos em potencial do sistema de obrigações adotados, inclusive as mulheres grávidas. O corpo do condenado, segundo Foucault (1987), é levado ao extremo das suas limitações e acaba se transformando no único mecanismo de resistência que ele possui. No entanto, ele não considerou a fragilidade existente no corpo das mulheres grávidas, que mesmo pela sua condição física também estão envolvidas no sistema de punições carcerárias.

Conforme Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, o sistema carcerário brasileiro revela total desrespeito aos direitos humanos. “O quadro é ainda mais perverso se olharmos a situação da mulher”, afirmou. Segundo ela, há desigualdade de gênero entre os presos e, em geral, os delitos cometidos pelas detentas não são violentos e em cerca de 43% dos casos no país tem ligação com o narcotráfico. (informação verbal) <sup>5</sup>

No Conjunto Penal Feminino da Bahia, por exemplo, são comuns os relatos de detentas gestantes e lactantes que afirmam terem sido vítimas de medidas coercitivas, tanto de funcionários do presídio quanto das próprias “companheiras” de prisão. Daniela Santos Bulhosa, 22 anos, que em abril de 2008 cumpria pena de cinco anos por tráfico de drogas<sup>6</sup> e estava grávida de oito meses do seu segundo filho, afirmou que tinha o acesso dificultado a medicamentos por ser considerada, por algumas agentes penitenciárias, uma detenta de comportamento difícil.

Desde o início da sua vida no sistema prisional ela afirmou ter sido submetida a várias privações. Engravidou de um outro detento quando estava custodiada na 1º Circunscrição Policial, localizada no bairro dos Barris, no centro da cidade de Salvador. Além disso, afirma que ficou sem ter nenhum tipo de apoio médico até o terceiro mês de gestação, quando foi transferida para o Conjunto Penal. Daniela foi beneficiada pelo

<sup>5</sup> Declaração retirada do discurso da ministra durante o 2º Fórum Mundial de Mulheres das Américas realizado no dia 27 de outubro de 2008 em Brasília. O evento foi promovido pela União Feminina das Américas e reuniu representantes de 78 nações para discutir temas como saúde da mulher, cidadania feminina, políticas de promoção da igualdade racial, educação e violência contra a mulher.

<sup>6</sup> Artigo 33 da Lei 11343/06 (Lei de Drogas). A pena para esse tipo de crime pode variar de 5 a 15 anos, dependendo do julgamento.

regime semi-aberto, em maio de 2008, e pode ter seu filho longe das grades. Contudo, após dar a luz, evadiu-se do sistema penitenciário.

A obrigação de realizar a limpeza das celas é outro item contestado por gestantes. Elisabete Almeida Santos, 29 anos, sentenciada há quatro anos de reclusão, acusada de assalto, reclama que mesmo com a barriga de uma gestação de gêmeos se viu obrigada a fazer a limpeza da cela, pois, não há funcionários que realizem esse tipo de tarefa.

Histórias como as de Daniela e de Elisabete são reflexo de um sistema prisional que não possui estrutura física, pelo menos, para abrigar o contingente carcerário. Segundo o último levantamento do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen, 2008), na Bahia, em junho de 2008, havia 325 mulheres detidas, incluindo as presas provisórias, do regime fechado, do semi-aberto, aberto e as que estavam na medida de segurança por internação ou ambulatorial<sup>7</sup>. Denise Tourinho, coordenadora de gestão integrada da ação penal da Superintendência de Assuntos Penais da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH), indica que no estado há um déficit de 15% de vagas para as mulheres<sup>8</sup>.

Desde o mês de março de 2008, quando foi iniciado o processo de acompanhamento da rotina das mulheres no Conjunto Penal Feminino da Bahia, houve um crescimento na quantidade de lactantes e gestantes. No primeiro mês de análise, havia três mulheres grávidas e nenhuma lactante. Já em outubro de 2008, havia três gestantes e três lactantes, com quatro bebês (uma das detentas gestou gêmeos). Em maio de 2009, último mês de acompanhamento, havia duas grávidas e quatro parturientes. A unidade, que foi construída há 20 anos e nunca passou por ampliação, possui 69 celas divididas em oito galerias com capacidade para 132 internas.

A juíza de direito Andreamara dos Santos, titular da Vara de Execuções Penais de Salvador, determinou em cinco de agosto de 2008 que fosse criada na unidade prisional uma estrutura especial para atender as detentas gestantes e lactantes, conforme artigo 83, parágrafo 2º da Lei de Execuções Penais. Ela estabeleceu prazo de 120 dias

---

<sup>7</sup> Além do Conjunto Penal Feminino de Salvador, outras unidades prisionais do estado abrigam mulheres. São elas: Conjunto Penal de Feira de Santana, Conjunto Penal de Jequié, Presídio Advogado Nilton Gonçalves (Vitória da Conquista), Presídio Advogado Ariston Cardoso (Ilhéus), Presídio Regional de Paulo Afonso, Conjunto Penal de Teixeira de Freitas, Conjunto Penal de Juazeiro e Conjunto Penal de Itabuna.

<sup>8</sup> No estado, segundo o Ministério da Justiça, há um déficit de 2100 vagas nas 22 unidades prisionais. Em maio de 2009, as 6715 vagas oferecidas estavam ocupadas com excedente de 2082 internos.

para começar a construção, mas até junho de 2009, ainda não havia data definida para o início das obras.

A SJCDH, através de Denise Tourinho, coordenadora de gestão integrada da ação penal, alegou que não há verba disponível para oferecer essas condições para as mulheres encarceradas do estado. Entretanto, afirmou que estão sendo feitos estudos juntos ao Departamento Penitenciário Nacional (Depen) para reforma do atual ou construção de um novo estabelecimento penal para as mulheres. Ainda não há prazos definidos.

As torturas dentro de sistemas prisionais passaram por evoluções gradativas de bastante sofrimento para os prisioneiros. Na Idade Média, por exemplo, eram comuns as práticas de tortura como o esquetejamento do corpo amarrados à tração animal, sessões de espancamento e até mesmo marcações a ferro no corpo. Segundo Foucault (1987) as marcações com ferro, por exemplo, que eram feitas nos corpos dos presidiários, oficialmente, já foram abolidas desde o século XIX, no entanto, o autor indica que recentemente as marcações são de ordem psicológica.

No caso das gestantes, é perceptível que há uma tensão maior pelo fato de estarem gerando uma vida em um local que está cercado por uma atmosfera de privações e banditismo. A psicóloga Maria Lúcia de Oliveira Almeida, que trabalha há dez anos no Conjunto Penal Feminino da Bahia, acredita que as detentas gestantes são, de certa forma, poupadas de torturas físicas. Contudo, indica que elas estão mais propícias, pela sensibilidade natural adquirida com a gravidez, a serem vítimas de torturas psicológicas. “Elas vivem em uma cela que é dividida com outra mulher, que pode ter variados vícios. Precisa controlar as interferências do barulho, confusões e intrigas inerentes a uma cadeia”, aponta. (informação verbal)

A Lei de Execuções Penais ordena que após o período de amamentação a mãe deva separar-se do seu filho, entregando-o a familiares ou à Justiça, para serem criados em creches ou orfanatos públicos. Esse elemento da separação é o fator que mais colabora para a desordem emocional das detentas grávidas.

O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará a distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo bem mais elevado. (FOUCAULT, 1987, p.16)

O período gestacional padrão é constituído de quarenta semanas. É considerado um momento único e heterogêneo em seus aspectos fisiológicos e emocionais para a mulher. O desenvolvimento do feto depende, dentre outros fatores, da condição nutricional da alimentação da mãe. A alimentação das mulheres grávidas no Conjunto Penal Feminino da Bahia não passa por nenhum processo de diferenciação com relação à nutrição das outras internas, fato que pode prejudicar o desenvolvimento fetal a longo prazo. No primeiro trimestre gestacional, segundo Vitolo (2003), a saúde do embrião depende da condição pré-gestacional da mãe, tanto no que se refere às reservas energéticas quanto ao acúmulo de vitaminas e minerais. Contudo, os dois períodos posteriores são de fundamental importância para o feto.

O segundo e o terceiro trimestres integram outra etapa para a gestante, em que as condições ambientais vão exercer influência direta na condição nutricional do feto. O ganho de peso adequado, a ingestão de nutrientes, o fator emocional e o estilo de vida serão determinantes para o crescimento e desenvolvimento normais do feto. São 28 semanas, aproximadamente, um período relativamente curto pela importância que assume quanto às condições de morbimortalidade materna e fetal. Por esse motivo, a disciplina materna, relacionada com seus hábitos de vida e qualidade de assistência pré-natal, vai ser responsável pelas consequências imediatas e futuras, tanto para a mãe quanto para a criança. (VITULO, 2003, p.04).

A condição socioeconômica e do ambiente são apresentadas por Vitolo (2003) como os fatores principais na ordem nutricional da gestação. Em março de 2008, das três mulheres que estavam grávidas e presas, no Conjunto Penal Feminino da Bahia (Daniela Santos Bulhosa, Elisabete Almeida Santos e Simone Cardoso Santos), nenhuma atendia aos critérios indicados para manter a eficiência alimentar na gravidez.

Simone Cardoso Santos, 27 anos, acusada de furto, por exemplo, indicou que durante toda sua gestação a família não possuía condições financeiras de levar alimentos para complementar a alimentação oferecida pelo presídio. Em fevereiro de 2009, Simone recebeu livramento condicional e foi assassinada menos de uma semana após sair da cadeia. Ela afirmava que por diversos dias consecutivos a comida servida estava azeda, imprópria para o consumo. Além disso, o cardápio não incluía verduras e frutas. Dessa forma, a condição alimentar acaba sendo mais um elemento que, aliado ao ambiente carcerário, provoca alterações no comportamento das internas, e consequentemente acarretam prejuízos para a vida fetal.

Varella (2005) ressalta que os cuidados com a saúde dentro do sistema prisional são feitos de forma bastante precária. A insuficiência de material, os hábitos da população local e as necessidades do cumprimento dos tratamentos são os principais entraves para a manutenção da saúde. No período que ele frequentou o Complexo do Carandiru (São Paulo) – de 1989 até 1999, para tratar surtos de AIDS e tuberculose, o médico teve que se inserir no sistema da “lógica da confiança” que norteia as relações entre os internos para poder realizar o trabalho de atendimento.

Aquele mundo havia entranhado em mim, era tarde para fugir dele. Como médico, não me cabia julgar os crimes dos pacientes, a sociedade tinha juízes preparados para essa função. Além disso, fazer medicina naquele lugar só com estetoscópio, como os médicos antigos, após tantos anos de clínica apoiada em exames laboratoriais e imagens radiológicas, era um desafio. (VARELLA, 2005, p.63).

A assistência à saúde das mulheres gestantes e lactantes é garantida desde a detecção da gravidez em função da determinação da Lei de Execuções Penais que obriga o Estado a fazê-lo. Quando é identificado que a presa está grávida, a Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH) inicia um processo de acompanhamento pré-natal no Centro de Saúde do bairro de Tancredo Neves. Os exames clínicos e encaminhamento para o parto são realizados no Hospital Geral Roberto Santos no bairro do Cabula. Nas 22 unidades prisionais do estado, a SJCDH gasta R\$ 17 milhões/ano em tratamento de saúde. Não há dados específicos desse quantitativo por unidade.

Apesar do Conjunto Penal Feminino da Bahia possuir um centro médico integrado, ele não está funcionando há quase dez anos. A coordenadora da ação integrada da ação penal, Denise Tourinho, explica que faltam verbas para colocar o serviço médico em funcionamento. Apenas uma ginecologista faz visitas semanais na unidade para atender as detentas. “Quando eu estava grávida e precisava ir ao médico de emergência, precisava esperar quase uma semana. Temos assistência aqui, mas não é a mesma coisa de estar na rua”, relatou Simone Cardoso dos Santos. (informação verbal)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990) determina que a criança possua direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. A legislação incumbe ao poder público propiciar apoio alimentar à gestante e à nutriz que dele necessitem. No período

de acompanhamento das atividades do Conjunto Penal Feminino da Bahia apenas uma pediatra (paga por uma organização não governamental) realizava uma visita mensal na unidade para atender os bebês. Segundo Goffman (1961), os castigos e privilégios são modos de organização peculiares às instituições totais (hospitais psiquiátricos, unidades carcerárias e religiosas), e servem como mecanismos de manutenção da ordem.

A equipe dirigente e os internados tem clara consciência do que, nos hospitais para doentes mentais, nas prisões e nos acampamentos se entende por “meter-se numa embrulhada”. A embrulhada aqui é um processo complexo de participar de atividades proibidas (entre as quais às vezes se incluem as tentativas de fuga), ser apanhado em falta, receber algo semelhante a castigo completo. (GOFFMAN, 1999, p.53).

A ausência de privações, típica do sistema de privilégios, atinge todos os internos das unidades de privação da liberdade, inclusive as grávidas. Os castigos não físicos, de acordo com Goffman (1961), são os mais comumente utilizados, pelo fato de não deixarem vestígios visuais, apesar de também causarem danos. A pressão de ordem psicológica, por exemplo, aplicada às detentas, principalmente em decorrência da separação do filho, quando do término do período de aleitamento, gera interferências no processo gestacional e emotivo da detenta.

Entre as mulheres grávidas há uma exacerbação da sensibilidade, fato que as torna mais vulnerável a serem vítimas de torturas psicológicas, principalmente pela sensação de incompetência na criação do filho. “Mesmo estando presa eu quero cuidar do meu filho. Não é porque estou aqui que eu não posso. Fico muito angustiada com a ideia de saber que quando ele sair da minha barriga só vai poder ficar um tempo comigo”, relata Daniela Santos Bulhosa, que não voltou para a unidade depois do parto. (informação verbal)

Além das detentas, as crianças também sofrem com a separação da mãe, principalmente aquelas que vão para lares sociais do governo, onde não encontram a referência familiar. Ficam assim, fadadas aos transtornos comportamentais, pois acabam também vivendo em sistemas de pressões e torturas, tanto psicológicas, quanto possivelmente físicas. O único serviço médico que é mantido regularmente é o acompanhamento psicológico com a psicóloga Maria Lúcia de Oliveira Almeida, que trabalha há dez anos no Conjunto Penal Feminino.



#### **4. A MULHER, O CRIME E A LEI**

A presença de mulheres grávidas cumprindo penas em unidades prisionais é produto do crescimento do encarceramento feminino. Roscoe, Sgarione e Souza (2007), usando dados do Ministério da Justiça, constataram que em seis anos o número de mulheres presas no país cresceu 135.37% enquanto o de homens subiu 53.36%. Nesse universo, as gestantes não têm nenhum mecanismo de proteção, pois elas estão inseridas no que Goffman (1961) chama de “sistema de privilégios”, que apesar do nome não necessariamente significa que elas terão algum tipo de benefício.

O conceito de crime pode ser tomado em dois sentidos: o formal e material. Por força do princípio da estreita legalidade, o conceito de crime é, inevitavelmente, um conceito formal. Por conseguinte, o crime é o que a lei descreve como tal. No entanto, por constituir a forma mais violenta de intervenção do Estado na vida dos cidadãos, não se podem desprezar critérios materiais para a definição legal das infrações penais, motivo pelo qual somente devem ser erigidos à categoria de delitos comportamentos especialmente lesivos de bens jurídicos, vale dizer, condutas realmente intoleráveis para a convivência social, cuja prevenção (e repressão) não se possa confiar, exclusivamente a outras instâncias do controle social. (QUEIROZ, 2001, p.94).

A relação com o tráfico de drogas é o fator que mais leva mulheres para o sistema penitenciário. De acordo com informações do Conjunto Penal Feminino da Bahia, cerca de 50% dos casos de prisão registrados tem ligação com o tráfico de entorpecentes. A diretora da unidade prisional há 19 anos, Silvana Maria Selem Gonçalves, indica que grande parte das mulheres se enveredam no mundo do crime por dois fatores principais: pobreza ou submissão (apego) à figura masculina do traficante.

Na maioria das vezes, as mulheres acabam se envolvendo com atividades ilícitas em virtude da necessidade de sobrevivência, amor ou manutenção de vícios. Daniela Santos Bulhosa, por exemplo, chegou a manter relações sexuais com traficantes em troca de entorpecentes. Ela afirmou que por não ter tido pai acabava transferindo a necessidade proteção para o traficante, de quem engravidou. O pai da criança, de quem ela não sabia o verdadeiro nome, não chegou a conhecer a filha, pois morreu em confronto com a polícia.

Matos (2000) indica que o “viver em prostituição” funciona como uma forma de resistência feminina por equivaler uma fuga da violência ou da ausência de uma vida familiar padrão. No caso específico das mulheres detentas pode-se perceber uma aproximação da condição das prostitutas, pois como essas muitas foram submetidas a condições de violência e desgaste do padrão familiar.

Ao não aceitarem viver em situação de violência, essas jovens rompem com o modelo dominante em nossa sociedade, onde as relações são corporificadas. A rejeição ao domínio da família, ou do namorado, sobre o seu corpo e a exposição a maus tratos físicos caracteriza um comportamento de rebeldia frente ao que é socialmente esperado [...] um rompimento de um padrão familiar socialmente aceito. (MATOS, 2000, p.73).

Em uma cadeia onde as internas são, em sua maioria, mulheres oriundas de camadas sociais menos favorecidas são comuns os relatos de delitos praticados em

virtude da manutenção do vício de drogas ou até mesmo de subsistência. Rosângela Álvares Maia, 33 anos, é um exemplo disso. Ela foi presa em junho de 2008 acusada de tráfico internacional de drogas. Rosângela, que é paulista, morava na Espanha desde 2002 e resolveu vir para o Brasil fazer o transporte de drogas para a Europa, pois estava grávida e não tinha condições de manter o filho. Um traficante, que ela sequer sabe o nome, ofereceu sete mil euros para que ela fizesse o transporte do entorpecente. Porém, ela foi flagrada no Aeroporto Internacional Luis Eduardo Magalhães, em Salvador, quando tentava embarcar.

“Eu já estava pronta para ir e ter meu filho com tranquilidade na Espanha, mas infelizmente fui surpreendida pela polícia e tive que parir meu bebê aqui no Brasil e ainda estou presa. Para piorar, ainda tenho outros dois filhos que estão na Europa e não sabem de mim. Por amar meu filho acabei vindo parar aqui”. (informação verbal)<sup>9</sup>

Em maio de 2009, Rosângela foi sentenciada há 1 ano e 11 meses de reclusão e até o fechamento deste trabalho ainda estava com seu filho na cadeia. O bebê que já está com dez meses<sup>10</sup> ainda permanece com a mãe porque ela continua a amamentação. A psicóloga do Conjunto Penal Feminino, Maria Lúcia de Oliveira Almeida, indica que a tendência da mãe é prorrogar ao máximo o período de amamentação para adiar a separação.

A manutenção do vício no crack fez com que Eliete Santos Salvador, 44 anos, fosse presa por duas vezes. No dia 19 de julho de 2008, ela foi flagrada em uma loja no centro da de Salvador tentando furtar um par de brincos que custava R\$ 20,00. O objeto seria trocado por entorpecente no bairro da Santa Cruz. “Não sabia que estava grávida, depois que cheguei aqui na Penitenciária que eu descobri. Se eu soubesse que estava prenha não teria feito isso. Meus filhos vão nascer aqui por causa da maldita da droga”, resigna-se Eliete, que recebeu livramento condicional. (informação verbal)

A relação das mulheres com o tráfico de drogas é constante dentro das unidades prisionais. Athayde e Bill (2007) indicam que o vício e a necessidade de manter o relacionamento delas com os traficantes, principalmente em comunidades carentes, são os fatores mais fortes que fazem as mulheres se relacionarem com as drogas.

Drogas... vai fazer um ano que eu já cheguei a me perder por causa de drogas...porque eu faço um dinheiro para mim poder gastar depois tudo em pó. Emagreci muito de tanto cheirar, que eu cheiro muito...é

---

<sup>9</sup> Rosângela Álvares Maia

<sup>10</sup> Situação em maio de 2009, segundo Magali Moreira de Souza Oliveira, vice-diretora do Conjunto Penal Feminino.

fogo. Quem tem que saber usar, se controlar, Eu não acho que sou descontrolada. Assim, eu saio com os outros por causa disso, mas eu não me acho descontrolada por causa de pó. Às vezes eu me arrependo e pergunto “que futuro é esse?” (ATHAYDE e BILL. 2007, p.167/168).

Diante da situação delituosa, a mulher é condicionada à restrição de sua liberdade e as alterações comportamentais podem ser provocadas. No caso de Eliete Santos Salvador, por exemplo, exames detectaram que ela havia desenvolvido uma gestação psicológica em função das pressões inerentes ao cárcere. A equipe médica do Hospital Geral Roberto Santos, que atendeu a detenta, informou que ela possuía uma inflamação no útero, mas por necessidade de proteção ela acabou desenvolvendo sintomas de gestação. Bitencourt (2008) afirma que a prisão é concebida, modernamente, como um mal necessário, sem esquecer que guarda em sua essência contradições insolúveis. Ele acredita que o sistema carcerário avilta, desmoraliza, e embrutece o ser humano.

Esse otimismo inicial desapareceu, e atualmente predomina uma atitude pessimista, que já não tem muitas esperanças sobre os resultados que se possa conseguir com a prisão tradicional. A crítica tem sido tão persistente que se pode afirmar, sem exagero, que a prisão está em crise (BITENCOURT, 2008, p. 102)

Assis (2009) argumenta que o crescimento da criminalidade, em face das problemáticas sociais, cria uma grande expectativa do povo quanto ao aumento das punições. Contudo, ele avalia que nem sempre o aumento quantitativo da pena reflete na diminuição do crime.

A eficaz prevenção do crime, portanto, não depende tanto da maior efetividade do controle social formal (aplicação de penas através do Direito Penal) senão a melhor integração ou sincronização do controle social formal ou informal. (ASSIS, 2009, p. 43)

## **5. DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Para fazer um recorte na história das mulheres presidiárias no Brasil, com os embates sociológicos da condição prisional das detentas, a tradução em imagens mostrou-se a maneira mais eficaz. Como a pesquisa foi realizada para ser instrumento

de avaliação do curso de comunicação social com habilitação em Jornalismo, nada mais usual do que realizar um documentário para exibição em televisão. Segundo Da-Rin (2006), o termo documentário teve sua primeira ocorrência na língua inglesa e é frequentemente atribuída a uma crítica ao filme *Moana* (Robert Flaherty, 1926), escrita por John Grierson e publicada no jornal *The New York Sun* em 8 de fevereiro de 1926. A linguagem de uma produção para televisão, permeia pela interferência de outros meios, como por exemplo, do registro do cinema documental.

Não se consistindo o filme visual na mera fotografia em movimento de uma peça teatral, e como a escolha e o agrupamento das imagens constituem para o cinema, um meio de expressão original, de idêntica maneira, o som, no cinema, não é a simples reprodução fonográfica de ruídos e de palavras, porém comporta uma determinada organização interna que o criador do filme deve inventar (MERLEAU-PONTY, 1983, p.113).

Apesar do formato documental permitir interferências de variadas áreas, como por exemplo a dramaturgia, o princípio que norteou essa pesquisa foi a prática jornalística. A pesquisa foi pautada nos critérios de clareza e equilíbrio jornalístico para evitar que houvesse a banalização da abordagem, que é comum na imprensa quando se trata de presidiários. A intenção foi produzir um material documental que pudesse ser entendido com uma produção de jornalismo sério e com credibilidade, através da apresentação da fala das fontes.

A clareza do jornalismo é uma componente da profissão que tem também conseqüências sobre a informação: “É preciso ser claro e se fazer compreender por todo mundo”. Além dessa exigência, o jornalismo deve também responder a outras que vão no sentido inverso como concisão, precisão [...] A produção da notícia, forjada sob o fogo destas exigências contraditórias, cai inevitavelmente na simplificação e na esquematização dos fatos. Assim, pode-se notar com uma certa frequência, temas e fatos interessantes serem transformados em notícias banalizadas em decorrência das exigências citadas e da suposição que o público geralmente formado por ignorantes, ávidos de informações triviais. Uma outra exigência que pesa sobre a prática jornalística é a necessidade de elaborar notícias equilibradas. Essa exigência estimável do ponto vista deontológico, transforma-se, muitas vezes, em frases de efeito nas notícias concisas. Em geral, as partes mais interessantes ditas pela fonte são suprimidas em decorrência da falta de espaço ou de tempo. Por esta e outras razões, constata-se que é, quase impossível, falar de coisas sérias em determinados meios de comunicação. (FERREIRA, 1999, p. 256)

A decisão metodológica desse trabalho surgiu do contato<sup>11</sup> com o documentário *Nanook, o esquimó*, dirigido por Robert Flaherty em 1922, resultado de mais de dez anos de exploração do norte-americano com os esquimós *inuik* que habitavam a região da Baía de Hudson, no norte do Canadá. Flaherty trouxe para as telas o registro do momento que os habitantes do local viviam, apresentando a realidade da população.

Da-Rin (2006) indica que essa história dos esquimós relatada pelo norte-americano, aliada com o trabalho realizado pelo escocês John Grierson, entre o final da década de 1920 e início da década de 1930, de busca de patrocínio do governo inglês para produção de obras audiovisuais, são as bases de surgimento do cinema documental.

A evolução do registro documental de realidades durante o século XX criou variações dentro do formato, principalmente quando passou a ser entendido dentro do regime de produção das obras cinematográficas tradicionais. Isso aconteceu fundamentalmente na Inglaterra com as obras produzidas por Grierson e na União Soviética, com o trabalho desenvolvido por Dziga Vertov<sup>12</sup>.

Através disso, Nichols (2005) apresenta a existência de dois tipos de documentários: os de satisfação dos desejos (ficcionais) e os de representação social (não-ficcional), que têm mais características possíveis de ser aplicados no trabalho jornalístico. Os documentários que representam a sociedade possibilitam que sejam vistas novas perspectivas de aspectos da população. Para ele o documentário não é uma reprodução, mas sim uma representação de algum aspecto do mundo histórico, do mundo social.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas. [...] Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é, e o que poderá vir a ser. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. (NICHOLS, 2005, p.26/27)

No vídeo e no filme documental podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgênero do gênero documental propriamente

---

<sup>11</sup> Durante a disciplina Comunicação Audiovisual no segundo semestre do curso.

<sup>12</sup> A partir de 1919, Vertov desenvolveu um trabalho de registro documental na União Soviética que trazia a idéia de montagem e predomínio dos “fatos” na obra artística, em detrimento da encenação. Inscrevia uma oposição entre ficção e não ficção, que polarizou o cinema soviético ao longo da década de 1920. A função social do cinema era considerada uma premissa inquestionável. (DA-RIN, 2006. p.59)

dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático (NICHOLS, 2005). Sendo que essas características não são excludentes e sim dominantes na estrutura da obra produzida. Dentre estes, o que mais se aproxima com as intenções do registro da vida das mães detentas do Conjunto Penal Feminino da Bahia é o expositivo. Através deste subgênero, a obra é composta por uma estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O documentário expositivo é construído para que o espectador veja a história através de legendas, vozes de personagens que apresentam uma perspectiva.

Este subgênero do documentário de representação social é entendido como o que tem mais ligação com atividade jornalística, apesar de ser um dos modelos do início da produção de documentários.

O documentário expositivo, por exemplo, remonta à década de 1920, mas continua exercendo grande influência ainda hoje. A maioria dos noticiários e dos reality shows da televisão dependem muito de suas convenções bastante antiquadas, assim como quase todos os documentários sobre ciência e natureza, as biografias - como a série *Biography* da rede A&E - e a maioria dos documentários históricos de grande escala - como *The civil war* (1990), *Eyes on the prize* (1987,1990), *The american cinema* (1994) ou *The people's century* (1998). (NICHOLS, 2005, p.136)

Além do elemento expositivo, o documentário “*Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades*”, também possui características dos subgêneros participativo e observativo. Esse último, por exemplo, conta histórias ou observa acontecimentos que parecem ocorrer como se o cineasta não estivesse no local, apesar da presença da câmera de filmagem já indicar uma interferência ao meio. O mesmo recurso usado por Flaherty foi aplicado no trabalho para contar os destinos e histórias das mães detentas.

As legendas de *Nanook*, por exemplo, contam que Nanook e sua família enfrentam a fome quando esse grande caçador do norte não consegue encontrar comida, mas não nos dizem o que Flaherty pede que afastemos nossa incredulidade no aspecto ficcional de sua história à custa de certa desonestidade naquilo que revela sobre sua verdadeira relação com o seu tema (NICHOLS, 2005, p.137)

Nichols (2005) explica que o documentário expositivo facilita a generalização e a argumentação abrangente. As imagens sustentam as afirmações básicas de um argumento geral em vez de construir uma ideia nítida das particularidades de um



determinado canto do mundo. Esse modo também propicia uma economia de análise, já que as argumentações podem ser feitas, de maneira sucinta e precisa, em palavras.

Já no documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, ou o cineasta, está lá em nosso lugar. Para apresentar uma perspectiva mais ampla, a resposta mais comum do ponto de vista do formato é incluir a entrevista. Ela permite que o diretor do documentário se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme ao invés de se dirigir formalmente ao público por meio de *voz-over*.

A produção de imagens e sons nos da notícias de personagens e situações reais que não conhecíamos, ou que conhecíamos mal. Desta maneira, é possível impor uma nova maneira de ver e pensar a realidade usando diversos formatos audiovisuais. Em certos textos que versam sobre os gêneros jornalísticos há uma dificuldade de classificação dos produtos televisivos que podem ser encarados tanto como documentários quanto como reportagens. Valim (2004) indica que em todas as obras audiovisuais há uma tendência de sempre ter características dos dois formatos. Em “*Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades*” não é diferente. Em alguns momentos, o documentário do subgênero expositivo é posto em relação com as técnicas jornalísticas de produção de uma reportagem.

Na elaboração de uma reportagem televisiva, um jornalista irá trabalhar com diversas fontes informativas para reunir dados necessários e, assim, lograr a credibilidade do que oferece ao espectador como informação. Não obstante, o jornalista não está autorizado a emitir sua opinião sobre os dados reunidos e fazer prevalecer seu pensamento. Ao contrário, a reportagem deverá ser o resultado dessa polifonia de vozes onde o espectador pode interferir a partir das informações que lhe foram disponibilizadas. No documentário, a voz do diretor é a voz do filme. (VALIM, 2004, p.53)

Contudo, a rotina produtiva de “*Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades*” se assemelhou mais a de um documentário, apesar de usar a técnica jornalística de reportagem. O tempo de produção (veja capítulo 6) favoreceu a ampliação da rotina diária de uma reportagem convencional e se aproximou da elaboração documental. De acordo com Penafria (2003) todos esses territórios (filmes de ficção, filmes documentários, filmes etnográficos e as reportagens televisivas) comporiam um universo denominado de *documentarismo*.

Entendemos que não será o documentário propriamente dito, mas o registo documental - que denominamos de *Documentarismo* - que une a

diversidade de registros cinematográficos. O *Documentarismo* está presente em toda a produção de imagens em movimento, uma vez que um qualquer filme é uma manifestação/visão do realizador sobre um assunto, que de um modo mais próximo ou mais distante, diz respeito às nossas vidas, às nossas memórias, ou seja, ao universo humano. Existem produções mais especificamente caracterizadas por esse registro documental e que visam consagrá-lo, denominadas por filme documentário. (PENAFRIA, 2003, p.10)

Outra definição metodológica usada para o desenvolvimento deste trabalho são as concepções de Eduardo Coutinho, um dos primeiros documentaristas brasileiros. Lins (2007) escrevendo sobre Coutinho, afirma que a produção de uma obra audiovisual que pretende registrar dado momento e circunstâncias sociais deve estar aberta para as possibilidades de mudança. Além disso, um documentário necessita de interação com o mundo e reflexão.

Nas obras de Coutinho, o mundo não está pronto para ser filmado, mas em constante transformação, e ele irá intensificar essa mudança. O que não quer dizer que defenda uma filmagem sem limites, espontânea, “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça” – muito pelo contrário. Seus filmes são frutos de muitas leituras e conversas, de intensa pesquisa e negociação; e também de inúmeros riscos, hesitações e receios. (LINS, 2007, p.136)

Para fazer o registro de determinado universo social, o documentário estabelece diferentes aproximações com o mundo. Sendo que, o interlocutor acaba imprimindo no trabalho a sua subjetividade, mesmo se tratando, por exemplo, de uma obra com características de jornalismo. Na narrativa documental, segundo Coutinho, há que se chamar a atenção para o caráter essencialmente subjetivo, parcial, precário e contingente do documentário (LINS, 2007).

## 6. PROCESSO PRODUTIVO

Por ser um projeto que requeria o acompanhamento de diversos momentos da vida das personagens, suas atividades foram iniciadas em fevereiro de 2008, quando ainda cursava o sexto dos oito semestres da graduação. No primeiro momento, realizei entrevistas de reconhecimento para consequente filtragem das histórias das detentas. O intuito era escolher as melhores histórias e em seguida tentar convencer as mulheres a prestar o depoimento diante das câmeras.

A prática jornalística no Brasil, de acordo com Argolo (2002), foi alterada por dois eventos históricos: o fim do regime militar e o começo da democratização. Ele afirma que esses momentos coincidem com um processo de deterioração dos padrões de qualidade jornalística que havia conseguido sobreviver mesmo com as dificuldades do regime militar. A tentativa desse registro documental é distanciar-se ao máximo deste padrão estabelecido pelo “*USA Today*”, visto que sua tematização é próxima de temas emotivos, onde é tênue a linha do racional com o sensacional.

O modelo “*USA Today*” foi adotado de forma ampla, estendendo-se aos principais jornais nacionais e à imprensa regional neles inspirada. Este estranho movimento corporativo não foi causal, decorreu de um impulso perfeitamente explicado pela ciência política: o vácuo da intervenção militar precisava ser preenchido por um outro poder – no caso, as associações de imprensas jornalísticas. Até então seria inconcebível sentar na mesma mesa donos de jornais concorrentes. De repente, desapareceu a animosidade e armou – se uma comunhão: todos juntaram-se para adotar políticas editoriais, profissionais e mecardológicas comuns. [...] A indústria do sensacionalismo tem a ver com a indústria do espetáculo e com a sociedade-circo. (ARGOLO, 2002, p.12 - 13).

Argolo (2002) indica que se criaram novos paradigmas que não foram impostos de fora para dentro, mas nasceram dentro da própria instituição jornalística, a partir do

qual foi formatado um modelo jornalístico que estimulou a leviandade e o sensacionalismo, principalmente nas abordagens de temáticas sociais.

Em 15 de fevereiro de 2008, antes de começar a entrevistar as detentas tive um contato prévio com a Silvana Maria Selem Gonçalves, diretora do Conjunto Penal Feminino da Bahia. Ela mostrou-se extremamente solícita para a realização do trabalho e permitiu o contato com algumas internas para que fosse possível a ambientação com a realidade. Sendo que, para iniciar o processo de gravações eu deveria ter uma autorização da Superintendência de Assuntos Penais (SAP) da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH) do Estado da Bahia.

O padrão de pesquisa utilizado no trabalho foi o de estudo de caso, sugerido por Goldemberg (2007), através do qual, escolhem-se histórias como representativas do universo geral. Assim sendo, a partir do contato com as detentas optei pelas histórias que jornalisticamente tinham mais importância.

No dia 26 de março de 2008 tive o meu primeiro contato com uma detenta indicada pela diretora. Apesar da liberação prévia da direção da unidade, precisaria conquistar a confiança das mulheres para poder dar continuidade ao trabalho. Grávida de 5 meses de uma menina, Daniela Santos Bulhosa, na época com 22 anos, foi a primeira entrevistada. Muito desconfiada, como é de costume nas unidades prisionais, ela logo procurou saber o motivo da conversa. Quando foi explicada que se tratava de um trabalho de faculdade, falou que “toparia ajudar o estudante”. (informação verbal)

Daniela cumpria pena de cinco anos por tráfico de drogas e estava grávida de oito meses do seu segundo filho, que foi gerado, segundo ela, dentro da 1ª Circunscrição Policial, no Complexo dos Barris. Alegando inocência, ela fez questão de contar sua história de sofrimento, fome, e violência que passou no período que morava na rua antes de ser presa. Em maio de 2008, quando estava com oito meses, Daniela recebeu o benefício da prisão domiciliar. Coincidentemente foi o mesmo período que sua filha nasceu. Apesar de ter uma história de vida muito interessante, não foi possível gravar entrevista em vídeo, pois ela evadiu-se do sistema prisional logo após o nascimento da criança e até o fechamento do trabalho ela ainda permanecia foragida. Tentei contato com um telefone da família que ela me forneceu, mas o número não correspondia.

Ainda nessa fase preliminar, entre os meses de fevereiro e março, falei com mais duas internas grávidas: Simone Cardoso Santos, 27 anos, que na época não havia sido sentenciada, acusada de furto e estava grávida de uma menina e Elisabete Almeida

Santos, 29 anos, sentenciada há quatro anos de reclusão, acusada de assalto, que estava grávida de gêmeos.

Simone se mostrou extremamente arredia às perguntas. Respondia sempre de forma monossilábica aos questionamentos. Mas com o contato periódico acabou revelando alguns detalhes sobre a sua trajetória de vida, marcada pelo uso de drogas. Ela já era mãe de um menino de cinco anos, filho de um traficante morto, que vivia com a avó paterna. Já Elisabete ou Bete, como carinhosamente preferia ser chamada, mostrou-se uma grande incentivadora no desenvolvimento do trabalho. Sua chegada ao sistema prisional é marcada por muita revolta, mas apesar disso, ela mantinha a serenidade na fala e enfatizava que “estou aqui só de passagem nesse mundo errado”. (informação verbal)

Uma quarta personagem foi sugerida pela diretora da cadeia. Era Amanda Costa, 27 anos, uma mulher que se revelou uma grande personagem para o documentário pela sua história forte. Amanda é paulista e se envolveu com um traficante baiano chamado Mário César Jesus Pereira, que morreu em 2005. Ela gestou o seu segundo filho na unidade prisional, que após quatro meses do nascimento teve que ser encaminhado para a creche da pastoral carcerária.

Quando ouvi todos os casos comecei a iniciar a busca pelas autorizações para iniciar os trabalhos de gravação. Em abril de 2008, fiz um contato telefônico com Einar Lima, assessora de comunicação da SJCDH, com o intuito de solicitar a liberação. Em maio do mesmo ano, ela solicitou que eu enviasse uma cópia do projeto para ser avaliado pela SAP e SJCDH. Apenas no dia 20 de agosto de 2008 obtive o retorno à solicitação. Ainda assim, a assessora solicitou que eu fosse até a sede da SAP para explicar em detalhes as intenções do projeto para a o capitão Júlio César Ferreira, que na época era o superintendente interino da SAP.

Em 26 de agosto conversei com o capitão e obtive a autorização para continuar o trabalho. A permissão foi concedida pelo capitão com um desejo de sorte e uma ressalva. “Peço que você conduza seu trabalho mantendo o respeito aos direitos humanos e agindo dentro da responsabilidade do bom jornalista, principalmente porque você irá tratar com mães e crianças”. (informação verbal)

## **6.1 LUZ, CÂMERA E AÇÃO**

De posse da autorização e da “recomendação” do capitão voltei ao Conjunto Penal Feminino da Bahia no início do mês de setembro de 2008. O intuito era iniciar a segunda fase do projeto: as gravações em vídeo das entrevistas com as presidiárias. Ao conversar com a diretora da unidade fui informado que neste período a configuração da quantidade de presas grávidas ou lactantes havia aumentado. Em fevereiro havia três mulheres grávidas e nenhuma mãe lactante com bebê. Já em setembro, havia três detentas grávidas e outras quatro lactantes com cinco bebês.

Dessa forma tive que reiniciar o meu processo de seleção das histórias. Das que eu havia conversado em fevereiro, apenas Daniela não estava mais presa, pois havia fugido do sistema prisional. Simone já havia dado a luz a Kauane em 26 de junho e Ícaro e Izabela (gêmeos de Elisabete) tinham nascido em 16 de junho. Ambas continuavam reclusas e dispostas a gravar a entrevista em vídeo, mas com outra preocupação: a obrigatoriedade de separação dos filhos após o final da amamentação.

Das outras cinco mulheres, que poderiam ser personagens, duas se recusaram a gravar entrevista. Uma romena de 21 anos, presa acusada de tráfico internacional, grávida de cinco meses. Ela chegou a contar um breve relato da sua vida, mas foi bastante assertiva. “Tenho envolvimento com o tráfico internacional, e por isso não posso colocar minha cara na televisão” (informação verbal). Daiane Santos, 19 anos, que tinha um bebê de quatro meses, sequer quis falar, mesmo sem a presença da câmera.

As outras três mulheres se mostraram dispostas a contar suas histórias através da gravação em vídeo. Foram elas: Rosângela Álvares Maia, 32 anos, que estava com um bebê de dois meses, presa por tráfico internacional de drogas; Eliete Santos Salvador, 40 anos, que alegava estar grávida de cinco meses de gêmeos presa por furto; e Marcela Maritano, espanhola, 21 anos, grávida de dois meses, acusada de tráfico internacional. No dia combinado para a gravação, Marcela desistiu de gravar.

Após a realização do trabalho de triagem comecei a articular o processo de gravação. A condução das entrevistas realizadas seguiu a noção jornalística de apresentar as notícias de forma proporcional e compreensível, utilizando o que Kovach e Rosentiel (2003) denominaram de “jornalismo cartográfico”, através do qual é possível entender os critérios de noticiabilidade, apesar da condição subjetiva que é aplicada ao entendimento das notícias relatadas ao público. Segundo os autores, a partir do segmento desses critérios é possível agregar credibilidade aos discursos, visto que o público percebe a real intenção do jornalista.

O jornalismo é a nossa cartografia moderna. Cria mapas para que os cidadãos naveguem através da sociedade. Essa é a sua utilidade e sua razão econômica de ser. Esse conceito de cartografia ajuda a esclarecer a questão do que os jornalistas têm a responsabilidade de cobrir. Como acontece com qualquer mapa, o jornalismo depende de sua abrangência e proporcionalidade. Jornalistas que dão mais tempo e espaço para um julgamento sensacional ou um escândalo de alguma celebridade, sabendo que esses assuntos não merecem atenção – no fundo, só querem vender – são como os cartógrafos que desenharam a Inglaterra e a Espanha do tamanho da Groenlândia, porque a idéia era popular. Isso pode fazer sentido numa visão econômica de curto prazo, mas desorienta o viajante e eventualmente destrói a credibilidade de quem faz mapas. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p.249).

No dia 15 de setembro, foi gravada a primeira entrevista com Elisabete Almeida Santos. Como a intenção era realizar a filmagem dentro das celas, por questões de segurança, todas as entrevistas tinham que ser acompanhadas por um agente carcerário. A minha presença, do cinegrafista (Paulo Silva) e do assistente de gravação (Georgenes Isaac) causou estranhamento entre as detentas durante a nossa passagem pelo pátio da instituição até a chegada na galeria onde ficava a cela de Elisabete.

Dentro da cela tive a primeira surpresa: a decoração infantil e o ambiente limpo. Imaginei, desde o início da estruturação do projeto, que o ambiente interno das celas fosse diferente daquele. Percebendo o meu “estranhamento”, Elisabete disse em tom de conforto: “Aqui dentro cada uma faz da sua cela a sua casa, e como eu sempre fui limpa e estou com duas crianças tenho que manter minha limpeza” (informação verbal). Durante toda a entrevista o depoimento dela foi construído na valorização da família e no reforço da sua inocência.

“Estava vendendo churrasquinho nas proximidades do Barradão [estádio de futebol Manoel Barradas, Salvador] quando um rapaz disse que eu tinha roubado o celular dele. Eu já estava grávida de quatro meses e vi minha vida acabar naquela hora”, relembra (informação verbal). Seis meses após a entrevista, às vésperas do prazo de se separar dos filhos, ela foi beneficiada com a progressão de regime e cumpre prisão domiciliar. “Estou muito feliz em ter saído daquele lugar. Não quero mais saber de nada que me lembre daqueles momentos de angústia e desespero”, disse, por telefone, em abril de 2009, recusando um pedido de uma nova entrevista para falar da vida após o cárcere. “Agora estou cuidando dos meus quatro filhos. Estou bem e feliz”, completa (informação verbal).

No mesmo dia ainda foi possível gravar com Eliete Santos Salvador, que alegava estar grávida de gêmeos. Eliete, que no primeiro contato negou qualquer envolvimento com atividades ilícitas, resolveu contar uma outra história. Fez questão de enfatizar que estava presa por causa “de uma maldita chamada droga” (informação verbal). Além disso, muito emocionada, lembrou foi abandonada pela família em virtude do vício e por estar presa.

Essa é a terceira cadeia que eu pego. Todas por causa da droga. Dessa vez eu caí nas mãos da lei porque roubei um brinco de R\$ 20 no centro da cidade para comprar umas pedras de crack. O pior dessa vez é que minha mãe não vem me ver. Ela me largou aqui como se eu fosse uma bandida. Ela já tinha me dito que se eu caísse outra vez nessa vida ela ia me largar. Ela tem razão, eu sempre fui uma filha ruim. Nunca dei gosto a ela (informação verbal) <sup>13</sup>.

Outra lamentação de Eliete era a distância dos filhos. “Eu não quero que meus filhos saibam que eu estou aqui. Eles já são adultos e casados. Tenho vergonha de falar com eles aqui dentro. Prefiro que eles não saibam que estou aqui”, conta (informação verbal). A gestação de Eliete foi razão de dúvida dentro da cadeia. Muitas presas, que eram mães, diziam que a barriga dela era “caída” e “mole”. “Essa mulher está nos deixando maluco. Toda hora diz que está sentido dor, enjôo, mas se recusa ir para o médico”, contou uma agente carcerária, que preferiu não ser identificada (informação verbal).

Em janeiro de 2009, Eliete teve uma forte hemorragia e foi levada para a emergência do Hospital Geral Roberto Santos no bairro do Cabula. Exames detectaram que ela tinha uma inflamação no útero e que sua gestação era psicológica. Alguns dias depois, ela recebeu livramento condicional. No endereço da família, no bairro do Vale das Pedrinhas, fui informado que depois que saiu da cadeia ela nunca mais voltou. Os parentes dela se recusaram a gravar entrevista.

No dia 22 de setembro de 2008 a burocracia atrasou a realização das entrevistas. Ao apresentar na portaria do Complexo Prisional a autorização de acesso assinada pela SAP a entrada foi barrada. Justificou-se que não estava explicitada a entrada dos equipamentos de gravação, apesar de haver no documento o termo “produção de um vídeo-documentário”. Em virtude disso, somente após a chegada da diretora da unidade é que foi possível liberar o acesso.

---

<sup>13</sup> Eliete Santos Salvador



Neste dia foi realizada a entrevista com Simone Cardoso dos Santos, que estava com a filha Kauane, de três meses. Acusada de furto e usuária de drogas confessa, mostrou-se uma pessoa extremamente dura quanto aos seus sentimentos. Ao ser questionada sobre a possibilidade de separação da filha quando terminasse a amamentação ela disse que “era melhor que ela fosse logo, não quero ver essa menina crescer nesse lugar. Vou mandar minha mãe buscar ela logo. É melhor que ela fique longe de mim” (informação verbal).

A data da separação estava marcada para o dia 30 de setembro de 2008, mas dois dias antes ela recebeu a liberdade. Menos de uma semana depois ela foi assassinada. A 10ª Circunscrição Policial (Pau da Lima), responsável pela investigação, não tinha nenhuma pista sobre a autoria ou motivação do crime até o fechamento deste trabalho. No endereço da família, em Sete Abril, vizinhos disseram que os filhos dela estavam vivendo com os avós no interior da Bahia.

No dia 20 de outubro de 2008 foram realizadas as entrevistas com Amanda Costa e Rosângela Álvares Maia. Amanda, paulista de família da classe média, teve seu segundo filho quando já estava presa, em 2005, no Conjunto Penal Feminino da Bahia. Seu envolvimento com o mundo do crime ganhou contornos quando começou a se relacionar, ainda em São Paulo, com o traficante Mário César Jesus Pereira, o MC, que foi morto em setembro de 2006. MC é indicado por ela como o pai dos seus dois filhos.

A primeira criança, uma menina, atualmente com 12 anos, vive em São Paulo com os avós maternos. O garoto Gabriel, que nasceu alguns meses após a prisão da mãe, viveu desde os quatro meses de idade em um lar (Nova Semente) mantido por uma freira italiana dentro do Complexo Prisional. Longe do filho, podendo vê-lo apenas a cada 15 dias, a mulher mantinha a serenidade e acreditava que seu maior desafio quando sair da cadeia era manter vivo o carinho do filho.

Ela foi presa em maio de 2005 por formação de quadrilha, quando foi abordada pela Polícia Federal, juntamente com outros parceiros, em um hotel da cidade de Cruz das Almas, interior da Bahia, quando se preparavam para realizar um assalto. Dentro da cadeia ela se intitula como “metida”. “As mulheres [presas] daqui são na maioria descuidistas, ladra barata, usuárias de drogas e pobres das favelas da cidade. Como eu não sou nada disso, não me misturo. Passo meu tempo aqui na costura, trabalhando [...] é melhor do que ficar no pátio da cadeia me misturando com as outras”, disse Amanda enquanto fumava o sexto cigarro antes de começar a gravação (informação verbal).

Amanda foi beneficiada com a progressão de regime em fevereiro de 2009 e cumpre prisão domiciliar junto dos seus dois filhos. Por telefone, em março de 2009, ela disse que estava bem, mas não queria mais gravar entrevista.

A entrevista com Rosângela foi realizada sob forte emoção da entrevistada. Ela é natural da cidade de São Paulo, mas foi morar na Espanha em 2002 com o objetivo de dar melhores condições de vida aos filhos. Em junho de 2008, foi presa acusada de tráfico internacional de drogas quando tentava transportar drogas do Brasil para a Europa. Ela iria ganhar sete mil euros pelo serviço, valor que serviria para manter a gravidez e os outros dois filhos (12 e 14 anos) que viviam com ela e a mãe na Europa.

A distância dos dois filhos que estão na Espanha e a certeza da separação do pequeno Soléman, então com três meses de idade, tornaram o depoimento de Rosângela um dos mais emocionantes. “Não sei o que vou fazer da minha vida se continuar presa e tiver que me separar do meu bebê. Só estou aqui por causa dele, já que estou longe dos meus outros dois filhos. Eu vou morrer se ficar só nesta cadeia”, complementou Rosângela (informação verbal).

A ex-cuidadora de idosos, até o fechamento deste trabalho, permanecia detida em companhia do filho. Em maio de 2009 ela foi julgada e sentenciada há 1 ano e 11 meses de reclusão. Com dez meses, o pequeno Soléman ainda está se alimentando do leite materno e por isso continua com a mãe. “Quando meu leite secar eu não sei o que vou fazer”, disse Rosângela em conversa no Conjunto Penal Feminino da Bahia em 20 de maio de 2009 (informação verbal).

A partir dessas entrevistas já foi compilado grande parte do material para a formatação do documentário, que foi transportado de fita mini DV para DVD, o que me permitiu selecionar os depoimentos que conduziram as outras sonoras em computador. Em 20 janeiro de 2009, através da assessoria de comunicação da secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos da Bahia (SJCDH), foi solicitada entrevista com a então secretária Marília Muricy. Porém, até a saída dela do comando da secretaria, em seis de maio de 2009, alegou-se falta de espaço na agenda. Já em cinco de fevereiro enviei e-mail para o coronel Francisco Leite, então superintendente de assuntos penais da SJCDH, solicitando gravação de entrevista. Ele indicou que eu procurasse Denise Tourinho, coordenadora da ação integrada da ação penal da SJCDH. A sonora com ela foi gravada em 13 de fevereiro.

A coordenadora apontou uma série de falhas no sistema penal da Bahia, principalmente para atenção às mulheres. “A estrutura atual do sistema prisional do

estado é anacrônica e inadequada às necessidades femininas. Além disso, há uma dificuldade em criar políticas de ressocialização dos presos por uma ineficiência das políticas públicas”, disse (informação verbal). Ela pontuou que há estudos junto ao Departamento Penitenciário Nacional (Depen), ligado ao Ministério da Justiça, para que seja construída uma nova unidade prisional feminina no estado. Contudo, o Depen ainda não definiu prazo para o início das obras.

Duas semanas após a entrevista com a coordenadora retornei ao Conjunto Penal Feminino da Bahia onde gravei outras duas sonoras. A primeira foi com a psicóloga Maria Lúcia de Oliveira Almeida, que trabalha há dez anos na unidade. A especialista explicou que nos anos de trabalho identificou diversas modificações de comportamento entre as condenadas, principalmente nas gestantes ou parturientes. “Percebo que essas mulheres sofrem muito com essa situação. É muito difícil para elas conviver com a separação dos filhos, por isso muitas acabam forçando a amamentação com o intuito de permanecer ao lado da criança”, relatou (informação verbal).

Quando questionei a psicóloga sobre a decisão de Rosângela e Eliete, que preferiram esconder dos filhos que estão fora o fato delas estarem presas, ela explicou que isso é uma situação comum dentro do sistema. “Muitas mulheres sentem vergonha dos filhos e muito medo de serem julgadas e por isso evitam o contato, mesmo que isso gere sofrimento. Cerca de 34% das mulheres não recebem visitas regulares”, completou (informação verbal).

Depois de conversar com a psicóloga, gravei com Silvana Maria Selem Gonçalves, diretora do Conjunto Penal Feminino da Bahia. Formada em pedagogia, a diretora que há 19 anos comanda a unidade, me forneceu dados importantes sobre a realidade das mulheres encarceradas. “Essas mulheres são, em sua maioria, de camadas sociais desfavorecidas e acabam se envolvendo na criminalidade em função de uma relação amorosa. Muitas delas ainda acabam sendo abandonadas pela família”, indica (informação verbal).

Assim como a coordenadora da ação integrada da ação penal, a diretora do estabelecimento penal destacou a deficiência estrutural da unidade, principalmente para as gestantes. “Desde quando assumi a unidade solicito que seja construída uma área especial para atender as mulheres grávidas, mas sempre isso é colocado em segundo plano pelo Governo. Acabo ficando refém da ajuda da comunidade para oferecer uma assistência melhor para essas mulheres, pois o Estado não fornece verbas diferenciadas”, explicou (informação verbal).

A última entrevista foi gravada em 12 de março de 2009 com Andreamara dos Santos, juíza titular da Vara de Execuções Penais. O pedido para realização dessa entrevista foi feito à assessoria da magistrada em fevereiro de 2009. Responsável pelo julgamento das mulheres, Andreamara era peça chave para esclarecer algumas dúvidas sobre a questão processual.

Nas entrevistas com as detentas percebi que todas reclamavam da lentidão na análise processual<sup>14</sup>. Em face disso, questionei a juíza sobre a falta de prioridade nas análises desses casos. A magistrada reconheceu que não tinha identificação nos processos de que as mulheres estavam nessa condição especial e garantiu que na próxima inspeção na unidade, que deverá acontecer no segundo semestre de 2009, irá determinar que sejam sinalizados nos processos que as mulheres estão grávidas ou lactantes para que elas possam ter os processos priorizados.

A gravação de imagens do pátio e nas áreas de circulação e convivência das detentas foi proibida por questões de segurança. Apenas tivemos acesso às celas acompanhados por agentes carcerários. A equipe de gravação foi composta pelo cinegrafista Paulo Silva e pelo assistente de gravação Georganes Isaac (no período das gravações com as detentas), que emprestou seu carro para condução dos membros da equipe. Já nas gravações com as fontes oficiais apenas estavam eu e o cinegrafista, acompanhados do senhor Gilberto Assis, que fez o serviço de transporte contratado.

## 6.2 SELEÇÃO E MONTAGEM

Usar a imagem foi a forma encontrada para poder traduzir os reais sentimentos que essas mulheres vivem nesse momento de embates sociais. De acordo com Nichols (2005), o documentário expositivo depende muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham um papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito.

---

<sup>14</sup> Uma equipe do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) fez inspeção em abril de 2009 para verificar a atuação do Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA). Em outubro do ano anterior corregedores do CNJ encontraram mais de 40 mil processos atrasados, aguardando apenas sentença judicial, além de outros 39 mil à espera de decisões de juízes.

Conforme indica Merleau-Ponty (1983), o sentido de uma imagem depende, então, daquelas que a precedem no decorrer do filme e a sucessão delas cria uma nova realidade, não equivalente a simples adição dos elementos empregados. Assim sendo a construção do documentário foi ponderada numa lógica consciente de construção da narrativa, pautada nos critérios jornalísticos supra citados.

Após o final de cada gravação efetuei a decupagem do material gravado para servir de subsídio para a montagem do roteiro (anexo A). Selecionei as cinco detentas como personagens principais do documentário com a intenção de contar o processo de suas gestações, desde o momento da prisão. As outras entrevistas, com as fontes oficiais, foram intercaladas dentro do contexto das falas. Esquematizei o trabalho em nove blocos com tempo médio de 2 min/cada:

- 1) **Apresentação** - cada uma das cinco personagens se apresentou informando nome, quantidade de filhos e motivo da prisão.
- 2) **Gestação no cárcere** - as personagens contaram sobre o momento que descobriram a gravidez. Além disso, relataram como foram as circunstâncias das suas prisões.
- 3) **Saúde atrás das grades** - as mulheres contaram os problemas que enfrentaram durante a gestação na cadeia. A coordenadora da ação integrada da ação penal, Denise Tourinho deu o posicionamento da SJCDH sobre o acompanhamento das gestantes durante a gestação, mas não quis comentar sobre o atendimento aos bebês, que é feito por uma organização não governamental.
- 4) **Celas da angústia** – a rotina de dificuldades e restrições dentro do sistema prisional foram relatadas pelas personagens. A psicóloga Maria Lúcia de Oliveira Almeida, conta sobre as interferências do meio prisional na formação das crianças e a diretora da unidade Silvana Salem denunciou a falta de estrutura adequada na unidade. A coordenadora da ação integrada da ação penal, Denise Tourinho, reiterou a necessidade de adequação da unidade prisional às mulheres. A juíza Andreamara dos Santos apontou que determinou a construção de seção para parturientes, mas que a SJCDH não cumpriu a ordem.
- 5) **A lei da separação** - fase do documentário onde a legislação é discutida no que diz respeito ao prazo de amamentação ser o tempo determinante da separação da mãe detenta do filho, conforme explica a psicóloga Maria

Lúcia de Oliveira Almeida. Em seguida, são somados depoimentos das detentas sobre a angústia que a lei gera em suas vidas e da juíza Andreamara dos Santos justificando a existência do prazo. A coordenadora da ação integrada da ação penal, Denise Tourinho, fala do risco das crianças conviverem na unidade prisional. Encerra com as alegações destas duas últimas sobre a não priorização dos processos penais das mulheres no poder judiciário.

- 6) **Família: o elo sagrado** - Psicóloga Maria Lúcia de Oliveira Almeida conta sobre o medo das mulheres contarem aos filhos sobre a sua prisão. Exemplos disso são adicionados à fala da psicóloga com os depoimentos de Rosângela Álvares Maia, Eliete Santos Salvador e Simone Cardoso dos Santos.
- 7) **A mulher e o crime por amor** - diretora da unidade Silvana Salem explica a distribuição das presas pelo tipo de delito, com predominância do crime de tráfico de drogas por amor. Amanda Costa e Eliete Santos Salvador contam sobre seus relacionamentos com homens que as levaram para o crime. Já Rosângela Álvares Maia narra seu arrependimento. Juíza Andreamara dos Santos alerta para a necessidade de atuação do Estado.
- 8) **Fortaleza Divina** - Juíza Andreamara dos Santos comenta sobre o apego dos presos com Deus. Simone Cardoso dos Santos, Amanda Costa e Rosângela Álvares Maia falam sobre a fé.
- 9) **Mãe: o caminho da vida** – cada personagem sintetiza o sentimento da maternidade. Elemento gráfico apresenta a situação penal de cada mulher.

Com o roteiro montado iniciei o processo de edição das imagens. O meu aprendizado nas técnicas de edição não-linear no programa *Final Cut*, desenvolvido no período de monitoria do Laboratório de Televisão e Vídeo da Facom (LTV), permitiram que eu ajustasse o esqueleto, conectando as sonoras nos blocos e cobrindo as imagens em algumas falas. Essas atividades foram desenvolvidas na segunda semana de abril (das 11h às 13h) e em dois finais de semana das 8h às 20h no LTV (dias 4 e 5 de abril de 2009 e 11 e 12 de abril de 2009). Inicialmente, havia programado fazer a edição no mês de março, com o final das gravações, mas não houve vaga no laboratório, pois haviam outras atividades sendo desenvolvidas.

Finalizada a montagem do esqueleto, o orientador do trabalho, professor Washington José de Souza Filho, solicitou algumas alterações na montagem com a

intenção de sintetizar alguns blocos. Como o LTV continuou sem oferecer horários vagos durante a semana esse trabalho foi feito no dia 19 de abril (domingo) com o apoio da funcionária Selma Barbosa, que auxiliou no processo de finalização e arte (pós-produção).

No fim de semana seguinte, 25 e 26 de abril de 2009, fizemos toda a parte gráfica que marcou a passagem dos blocos e elaboramos os caracteres com informações adicionais que entraram ou após ou durante algumas entrevistas. Além disso, tratamos as imagens (correção de luminosidade e contraste), regulamos o áudio e montamos a base do gerador de caracteres. Por questões de doença na família e do trabalho diário como repórter no jornal CORREIO, tive que parar a edição até o dia 23 de maio de 2009. Nesta data, e no dia seguinte, fizemos a abertura e os ajustes finais nas partes gráficas e efeitos de transição de sonoras.

As limitações do equipamento de edição (com memória insuficiente) atrasou o andamento do trabalho, pois o processo tornou-se demorado. O encerramento foi montado no dia 7 junho de 2009, assim como a colocação da trilha sonora. Em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente, no dia 8 de junho, o editor Gustavo Fernando, gratuitamente, fez o trabalho de desfocar os rostos das crianças para que elas não sejam identificadas. A arte da capa do DVD do documentário foi feita, também de forma gratuita, pelo artista gráfico Vladimir Figueiredo.

### **6.3 INVESTIMENTO**

O investimento financeiro para realização desse diagnóstico social teve redução, em partes, visto que contou com o apoio do Laboratório de Televisão e Vídeo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, no que se referiu ao empréstimo de equipamentos de gravação e realização da edição e finalização das imagens.

Contudo, os gastos foram necessários para o pagamento das diárias do cinegrafista, aquisição de materiais, que a faculdade não oferecia, como por exemplo, o silver light (equipamento de iluminação fundamental para gravação em locais escuros como são as celas). Além disso, houve custos com combustível, locação de automóvel e alimentação para a equipe de edição nos finais de semana.

<b>MATERIAL/SERVIÇO</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR</b>
Cinegrafista	10 diárias	R\$ 500.00
Assistente de produção	10 diárias	R\$ 300.00
Combustível	80 litros	R\$ 200.00
Silver light*	01	R\$ 163.00
Lâmpada starlux	03	R\$ 33.00
Extensão	30 metros	R\$ 42.00
Fitas mini	06	R\$ 84.00
Baterias para microfone	08	R\$ 16.00
Aluguel de carro com motorista	03 diárias	R\$ 200
DVD – R/ Capa transparente	50	R\$ 100
Impressão, plotagem de DVD	50	R\$300.00
Alimentação (fim de semana)	12	R\$ 600.00
Livros	19	R\$ 1000.00
Impressão de memorial	03	R\$ 78.75
<b>TOTAL</b>		<b>R\$ 3616.75</b>

Os recursos foram do autor do projeto

\*Ao final das gravações o equipamento foi doado ao Laboratório de Televisão e Vídeo

## **7. APRENDIZADO**

Quando imaginei desenvolver um documentário não previ a quantidade de desafios que iria enfrentar. A burocracia e as barreiras éticas de abordar um tema tão complexo quanto a maternidade no cárcere são alguns exemplos. Por mais prazerosa que seja, o processo de produção de um documentário mostrou-se uma tarefa complicada. O maior desafio foi conseguir ultrapassar os muros do Conjunto Penal Feminino da Bahia e deixar do lado de fora os preconceitos que a sociedade imprime com relação às pessoas presas. O maior aprendizado que levarei para minha vida profissional é o respeito ao ser humano, seja ele detento, seja doutor.



Para invadir a rotina de uma unidade prisional é necessário ter muita cautela. Como sabia que a pressa, inerente à prática jornalística, atrapalharia o desenvolvimento do trabalho revolvi começar com três semestres de antecedência. Isso me deu tranquilidade para “construir” o terreno da confiança junto às detentas e de marcar as entrevistas com as burocráticas e “ocupadas” fontes oficiais.

Quando pensei nessa temática, há quase dois anos, imaginei um caos completo e absoluto dentro da cadeia. O contato com essas mães detentas me mostraram uma outra realidade: existe vida e amor atrás das grades. A dedicação dos funcionários com as internas foi outra grata surpresa. Apesar da necessidade de coações efetivas para manutenção da estrutura carcerária, me chamou atenção a forma como as condenadas chamam os funcionários (prezados). Em uma das minhas primeiras visitas ao pátio da unidade, ainda sem as câmeras, ouvi uma resposta que refleti por um bom tempo quando questionei o tratamento a uma presa. “Meu filho, aqui nós que somos desprezados pela sociedade. Eles cuidam de nós e por isso temos que tratá-los bem enquanto a liberdade não chega” (informação verbal).

O abalo psicológico não ficou restrito às mães encarceradas. O contato periódico com essa realidade me trouxe muita inquietação. Na época de alguns julgamentos das personagens, por exemplo, sentia com se fosse algum familiar que estivesse naquela situação. Quando recebi a notícia do assassinado de Simone Cardoso dos Santos fiquei com a imagem da filha dela na memória. Afinal, ela vai crescer sem poder compartilhar do amor de sua mãe.

O mais espantoso nesse período foi a reação das pessoas quando me questionavam sobre o tema do meu trabalho de conclusão. A maioria me perguntava como eu tinha coragem de entrar em uma cadeia. Em seguida, vinham uma sucessão de perguntas sobre como era a realidade de lá. Diante disso, cada vez mais percebi que fiz a escolha certa. Afinal, o interesse de quem perguntava ficava ainda maior quando eu começava a relatar parte da rotina das mulheres. Apesar de sempre almejar a imparcialidade perante os fatos, em muitos momentos fui movido pela indignação ao ver crianças sem assistência médica. Em outras situações, senti pena daquelas mães que olhavam para os filhos com um apego descomunal.

A base de formação profissional também interferiu para que precisasse buscar auxílio em outras fontes de informação, pois as disciplinas da faculdade não fornecem o embasamento completo para o estudante no que tange à rotina produtiva. Fiz uma intensa pesquisa na internet e bibliotecas. Para minha sorte, ainda contei com o auxílio

dos professores de telejornalismo Simone Bortoliero e Washington José de Souza Filho e dos funcionários do Laboratório de Televisão e Vídeo (Marcos Nunes, Paulo Silva e Selma Barbosa), que colaboraram com a minha capacitação na área de audiovisual.

Em 2008, quando decidi que queria fazer o trabalho de conclusão em vídeo, fiz curso de produção em cinema e vídeo com John Howard Szerman, que me proporcionou conhecimentos fundamentais na área de produção e roteiro. Esses conteúdos não são aprendidos nas disciplinas convencionais do curso de jornalismo.

A opção por fazer o trabalho individual, sendo que o convencional na Facom é fazer documentários em dupla ou trio, gerou uma sobrecarga de atividades: produção, reportagem, direção e edição, que precisei conciliar com as atividades de repórter do jornal CORREIO. Apesar do excesso de trabalho, como iniciei as ações do projeto com antecedência foi possível realizar sem muitos embates contra o tempo.

Outra dificuldade foi fazer um recorte exato dentro de um universo tão complexo. Optei pelos casos das mães grávidas ou lactantes, mas ainda fiquei com vontade de desenvolver outras temáticas. Muitos temas ainda podem ser abordados, como por exemplo, as relações homossexuais dentro do cárcere, o abandono dos maridos às mulheres e aplicação de penas alternativas para crimes de menor gravidade. Como me encantei com a temática e fiquei com vontade de mostrar mais dessa realidade para à sociedade, pretendo abordar posteriormente esses universos com outras produções audiovisuais.

Tenho consciência de que esse trabalho revela o meu olhar, norteadado pelas emoções do seu desenvolvimento, sobre aquela realidade, o que não acredito que tire o mérito do trabalho. Ao contrário, acho que isso propicia o que eu quero levar para minha vida profissional: a indignação diante das injustiças e o desejo de contar histórias de vidas que estão escondidas atrás dos muros.

## **8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARGOLO, José A. “**Alberto Dines, Além do tempo jornalístico**” In: *Ética, cidadania e imprensa* / Raquel Paiva(organizadora). Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ASSIS, João Francisco de. **Juizados Especiais Criminais**. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

ATHAYDE, Celso, BILL, MV. **Falcão: mulheres e o tráfico**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal: Parte Geral - vol. 1**. São Paulo. Editora: Saraiva, 2006.

BOOTH, Wayne C, Booth, Gregory G. Colomb, Joseph M. Williams. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei de Execução Penal**. Congresso Nacional. Lei 7.210, de 11 de julho de 1984.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Congresso Nacional. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, **Regras Mínimas para o Tratamento dos Presos no Brasil**. Brasília: Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, 1995.

BUZAR, Kátia. **Ministra defende melhorias em presídios femininos**. Agência Brasil, Brasília, 27 out 2008. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/10/27/materia.2008-10-27.4516173861/view>> . Acesso em: 30 jan. 2009.

CAPADOCIA. Direção: Javier Patrón Fox, Carlos Carrera e Pitipol Ybarra. Produção: Gloria Carrasco. Intérpretes: Aída Lopez, Luisa Huertas, Ana de la Reguera, Alejandro Camacho, Dolores Heredia, Rodrigo de la Rosa e outros. Roteiro: Guillermo Rios e Letícia Lopez Margalli . Música: Rodolfo Romero e Emmanuel Romero. México: HBO, 2007. 13 DVD's (130 horas). Produzido por Luis F. Peraza.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

D'EÇA, Aline. **Filhos do Cárcere – inocentes cumprem pena com os pais nas penitenciárias**. 2006. 240f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

FABRIS, Mariarosaria. **Nas sendas da violência**. In: Cinema, comunicação e audiovisual. SANTANA, Gilson (org.). 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2007.

FERREIRA, Giovandro M. “**Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalística**”, Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom (CD ROM), Rio de Janeiro, 1999.

FONTINHA, Maria Inês. **Molduras Jurídicas**. [S.l. e s.n.]. Disponível em: < <http://www.searanova.publ.pt/1965/index>. Acesso em: 13 ago. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 1961.

GOLDEMBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**/ Miriam Goldemberg. – 10ª ed. – Rio de Janeiro : Record, 2007.

GRÁVIDAS DO BRASIL. **Fantástico – Rede Globo**. Vespasiano, 05 abr. 2009. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1074380-15605,00.html>>. Acesso em: 06 abr. 2009.

KOVACH , Bill, ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Francis, 2006.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MATOS, Railda Macedo. Elas Sonham **Acordada em Santo Antonio dos Prazeres: Mulheres em Prostituição**. 2000. 380f. (Dissertação de pós-graduação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **O cinema e a nova psicologia**. In Xavier, Ismail (org), A experiência do cinema. Rio de Janeiro. Edições Graal. Embrasilme ,1983

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 3ª ed. Campinas –SP: Papyrus Editora, 2005.

PADUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico prática**. 10ª ed. Campinas – SP: Papyrus Editora, 2004.

PEDROSO, Regina Célia. **Utopias penitenciárias. Projetos jurídicos e realidade carcerária no Brasil**, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto.asp?id=5300> Acesso: 15 ago. 2008.

PENAFRIA, Manuela. **O documentarismo do cinema**. Universidade da Beira Interior, Portugal, 2003. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria\\_manuela\\_documentarismo\\_cinema.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf).> Acesso em: 18 jun 2009.

QUEIROZ, Paulo de Souza. **Direito penal: introdução crítica**. São Paulo: Saraiva, 2001.

ROSCOE, Alessandra, SOUZA, Fátima e SGARIONI, Mariana. “**Atrás das grades**”. Revista Claudia. Rio de Janeiro, abr. 2008.

SANTA RITA, Rosângela Peixoto. **Creche no sistema penitenciário: Um estudo sobre a situação da primeira infância nas unidades prisionais femininas brasileiras**. Brasília. 2002. Disponível em: [www.mj.gov.br/depen/publicacoes/monografia\\_rosangela.pdf](http://www.mj.gov.br/depen/publicacoes/monografia_rosangela.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2008.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Serviço de Informação Penitenciária – Infopen**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm>>. Acesso: 25 mai. 2008.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/services/DocumentManagement/FileDownload.EZTSvc.asp?DocumentID={ }>>. Acesso: 25 mai. 2008.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Brasília, 2008. Disponível em:  
<<http://www.mj.gov.br/services/DocumentManagement/FileDownload.EZTSvc.asp?DocumentID={}>>> Acesso: 15 fev. 2009.

VALIM, Jussara. **Do filme ao filme etnográfico: a herança metodológica “rouchiana”**. 2004. 101f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VITOLLO, Márcia Regina. **Nutrição: da gestação à adolescência /Márcia Regina Vitolo**. – Rio de Janeiro: Reichmann & Autores Editores, 2003.

#### ANEXO A – Roteiro de edição

	DIREÇÃO	TEMPO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO	JORGE GAUTHIER	21 MINUTOS
ROTEIRO	DOCUMENTÁRIO: MÃES, FILHOS E CÁRCERE – O NASCIMENTO ATRÁS DAS GRADES	

TEC - Fade in	1”	
Claquete		
Título: Mães, filhos e cárcere – o nascimento atrás das grades	5”	
Direção: Jorge Gauthier		
Tempo: 21 min.	1”	
Maio/2009		
FACOM – UFBA		
TEC - Fade out	2”	
Abertura (gráfica)		
TEC - Fade in		
Foto Rosangela Álvares Maia/seta verde/palavra PRISÃO	3”	TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:37
TEC - Fade out		
TEC - Fade in	5”	
Foto acervo Conjunto Penal Feminino (bebê no colo)/ linha azul/palavra MATERINIDADE		
TEC - Fade out		
TEC - Fade in		
Seta rosa/ foto Elisabete Almeida Santos/ palavra DOR	4”	
TEC - Fade out		
TEC - Fade in	4”	
Traçado rosa; foto acervo Conjunto Penal Feminino/ palavra AFETO		
TEC - Fade out		
Fade in	5”	
Seta lilás/ foto Simone Cardoso dos Santos / palavra SEPARAÇÃO		
Fade out		
TEC - Fade in	3”	
Marca “Mães, filhos e cárcere”		
TEC - Fade out		
TEC - Fade in		
Claquete		
Cerca de 130 mulheres estão presas no Conjunto Penal Feminino em Salvador	17”	TEC - Música “Aos Nossos Filhos”



<p>(BA). Em quase 20 anos de funcionamento, muitas detentas geraram seus filhos dentro da unidade prisional. A Lei de Execuções Penais garante que, após o parto, a mãe permaneça com o filho no cárcere até o final da amamentação. TEC - Fade out TEC - Efeito (page translate)</p>		<p>(Ivan Lins/Vitor Martins) 00:00 – 00:17</p>
<p><b>BLOCO 1</b> Sonora: Rosângela Álvares Maia GC: Rosângela Álvares Maia 33 anos FITA 3 TC 00:00:27: 04 – 00:00:27:10</p>	6”	Sou Rosângela Álvares Maia.... to presa há quatro meses.
<p>Imagem Rosângela na cela com bebê no colo FITA 4 TC 00:00:04:54</p>	6”	Antes deu ser presa....cuidando pessoas idosas. FITA 3 TC 00: 00:27: 04 – 00: 00:27:10
<p>Sonora: Rosângela Álvares Maia FITA 3 TC 00:00:28:18 – 00:00:28:43  TEC - Efeito (page pel)</p>	7”	Então eu decidi buscar droga no Brasil...por isso fui presa com tráfico internacional.
<p>Sonora: Elisabete Almeida Santos FITA 1 TC 00:00:06:00 – 00:00:18:00</p>	5”	“Meu nome é Elisabete Almeida Santos..tenho quatro filhos”
<p>TEC – Efeito (Wipe) Sonora: Elisabete Almeida Santos GC: Elisabete Almeida Santos 27 anos FITA 1 TC 00:00:28:27 – 00:00:36:13  TEC - Efeito (page pel)</p>	7”	“Eu fui acusada de 157 estava na festa de largo vendendo...fui acusada de ter roubado um celular”
<p>Sonora: Eliete Santos Salvador FITA 1 TC 00:20:50 – 00:21:09:20  TEC - Efeito (page transalate)</p>	8”	“Eu sou Eliete Santos Salvador..tenho quarto filhos...tenho 44 anos”
<p>Sonora: Eliete Santos Salvador FITA 1</p>	7”	“Eu vendia droga...ai ela me pedia para vender para ela ai eu vendia”

<p>TC 00:21:15 - 00:21:22:19</p> <p>Sonora: Eliete Santos Salvador FITA 1 TC 00:22:03:19</p>	<p>5”</p>	<p>“Ai ela ta presa...no mesmo dia a outra me chamou para ir roubar...dai eu peguei e fui”.</p>
<p>TEC - Efeito (page pel)</p> <p>Sonora: Simone Cardoso dos Santos GC: Simone Cardoso dos Santos 25 anos FITA 2 TC 00:34:00 – 00:34:11</p>	<p>6”</p>	<p>“Meu nome é Simone ...tenho dois filhos e estou presa há um ano”.</p>
<p>TEC - Efeito (page transalate)</p> <p>Sonora: Simone Cardoso dos Santos FITA 2 TC 00:34:33:04 – 00:34:43:00</p>	<p>3”</p>	<p>“Eu fui acusada de ter furtado um celular”.</p>
<p>TEC - Efeito (page pel)</p> <p>Sonora Amanda Costa GC: Amanda Costa 26 anos FITA 3 TC 00:20 – 00:31:26</p>	<p>9”</p>	<p>“Meu nome é Amanda Costa...me encontro presa há dois anos e tenho 26 anos”</p>
<p>TEC - Efeito (page transalate)</p> <p>Sonora Amanda Costa FITA 3 TC 00:14:20:05 – 01:54:29 TEC – Fade out TEC – Fade in</p>	<p>6”</p>	<p>“Me acusam ..sequestro e mais algumas coisas”</p>
<p><b>BLOCO 2</b> Gestação no cárcere (arte gráfica) Fade out</p> <p>Fade in</p>	<p>6”</p>	<p>TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06</p>
<p>Sonora Rosângela Álvares Maia FITA 3 TC 00:31:33 – 00:31:47</p>	<p>11”</p>	<p>“No momento da apreensão eu não podia pensar em nada....já estava no final da minha gravidez.</p>

<p>Imagem /amamentação FITA 4 TC 00:47:33 – 00:47:38 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado na criança)</p>		<p>E eu podia prejudicar meu filho</p>
<p>Imagem/amamentação FITA 4 TC 00:47:39 – 00:47:44</p>		<p>Então eu tentei ao máximo ficar tranqüila, calma nesta hora”.</p>
<p>Sonora Elisabete Almeida Santos FITA 1 TC 00:01:24: 06 – 00:01:29:26</p>	<p>8”</p>	<p>“Fui presa com quatro meses de gravidez...mas já sabia que estava grávida de gêmeos</p>
<p>Imagem /bebês FITA 1 TC 00:11:24: 06 – 00:01:29:26 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado nas crianças)</p>		<p>Fiquei triste ...eu nunca tinha vindo para um presídio”.</p>
<p>Sonora Eliete Santos Salvador FITA 1 TC 00:23:05 – 00:23:16</p>	<p>11”</p>	<p>“Eu tentei fugir...mesmo eu alegando que estava grávida eu apanhei muito”</p>
<p>Sonora Simone Cardoso dos Santos FITA 2 TC 00:36:08 – 00:36:30</p>	<p>11”</p>	<p>“Fiquei muito triste de está grávida</p>
<p>Imagem /bebê FITA 2 TC: 00:49: 05 – 00:49:11</p>		<p>num lugar daquele</p>
<p>Imagem /bebê FITA 2 TC: 00:49: 15 – 00:49:21 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado na criança)</p>		<p>quando vim descobri já estava com dois meses”.</p>
<p>Sonora Amanda Costa FITA 3 TC 00:05: 14:08 – 00:05: 24:07</p>	<p>10”</p>	<p>No dia que eu fui presa foi...me operado recentemente.</p>
<p>TEC - Efeito (page transalate)</p>		<p>Jamais eu ia imaginar ...com</p>

<p>Sonora Amanda Costa FITA 3 TC 00:05: 41:15 – 00:05:</p>	7”	quatro meses eu vim saber que estava grávida.
<p>TEC – Fade out TEC – Fade in</p>		
<p><b>BLOCO 3</b> Saúde atrás das grades (arte gráfica) Fade out</p>	6”	TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06
<p>Sonora Rosângela Álvares Maia FITA 3 TC 00:42:54 – 00:43:16 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado na criança)</p>	30”	“A minha assistência para ter o bebê foi boa...Brasil é um país de terceiro mundo
<p>Imagem /amamentação FITA 3 TC 00:52:54 – 00:53:06 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado na criança)</p>		E sempre todos me respeitaram.
<p>FITA 3 TC 00:56:24 – 00:56:29 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado na criança)</p>		Também sempre respeitei nunca faltei...eles mesmo provienciaram tudo.”
<p>Sonora Amanda Costa FITA 3 TC 05:48:19 – 00:06:08:00</p>	20”	“Quando você sabe que está grávida...ir de escolta para o hospital”
<p>Sonora Denise Tourinho GC: Denise Tourinho Coord. de gestão integrada da ação penal FITA 5 TC 00:04: 47:12 – 00:05:22:14</p>	33”	“O que é feito é um trabalho..acompanhamento pré-natal dentro de fora da unidade
<p>TEC –Arte gráfica R\$ 1.7 milhão/ano é destinado para a assistência à saúde nas 22 unidades prisionais da Bahia.</p>		Então, uma grávida ..da própria unidade
		Como também ela é levada para

Imagem/ carro escolta FITA 6 TC 00:48:00 – 00:48:10		todos os exames...
Imagem/conjunto penal FITA 6 TC 00:48:00 – 00:48:10		é garantido pela unidade.”
Sonora Elisabete Almeida Santos FITA 1 TC 00:06:36:03 – 00:07:01:25	19”	“Tem um porém aqui não tem pediatra.....algumas mães.
Imagem/bebês na cama FITA 1 TC 00:13:15:01– 00:13:19:24		Com fralda descartável.....tem uma ong que
Imagem/bebê no berço FITA 1 TC 00:13:15:01– 00:13:19:24		e atende os dos bebês”
<b>BLOCO 4</b> Celas da angústia (arte gráfica) Fade out	6”	TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06
Sonora Simone Cardoso dos Santos FITA 2 TC 00:37:09:11 – 00:37:18:04	9”	“Aqui é muito difícil ... dinheiro para mim”
TEC - Efeito (page transalate)		“Ai ela so decidiu vim de sábado...
Sonora Simone Cardoso dos Santos FITA 2 TC 00:37:28 – 00:37:37	34”	....Ela vai ser mais cuidada.... ....Minha família vai cuidar dela...
Imagem/ bebê no colo FITA 2 TC 00:58:14 – 00:58:19		...e aqui não ...eu não quero ela nesse lugar”.
Imagem/ bebê no colo beijando FITA 2 TC 00:45:07 – 00:45: 18		
Imagem/ bebê no colo atrás das grades FITA 2 TC 00:48:00 – 00:48: 06		

TEC - Efeito (cubo)		
Sonora Maria Lúcia de Oliveira Almeida GC: M <sup>a</sup> Lúcia de Oliveira Almeida Psicóloga – Conjunto Penal Feminino FITA 5 TC 00:40:14:05 – 00:40:56:12	42”	“Aqui a diretora faz ...só dificulta o desenvolvimento da criança”.
Sonora Silvana Salem GC: Silvana M <sup>a</sup> Silva Salem Diretora – Conjunto Penal Feminino FITA 7 TC 00:40:45:25 – 00:43:45	34”	“A unidade hoje comporta um número elevado..
Imagem/ Conjunto Penal (panorâmica) FITA 7 TC 00:40:45:25 – 00:43:45		..para que agente possa fazer uma grande reforma..nova unidade prisional feminina...
Imagem/ Conjunto Penal (recepção) FITA 7 TC 00:48:45:25 – 00:48:36		Para que agente possa ter um trabalho
Imagem/ Conjunto Penal (recepção com presas) FITA 7 TC 00:49:04 – 00:49:16		Melhor e mais diferenciado ainda do que
Imagem/ Conjunto Penal (recepção/aberta) FITA 7 TC 00:50:05 – 00:50:36		o que agente hoje já apresenta”.
Sonora: Denise Tourinho FITA 5 TC 00:01:42:00 – 00:02:35:23	23”	“A arquitetura penitenciária.....adequada às necessidades das mulheres”
Sonora Andreamara dos Santos GC: Andreamara dos Santos Juíza da Vara de Execuções Penais FITA 6 TC 01:28:31 – 01:29:16	18”	“Informo que não tem havido...Lei de Execuções Penais”
TEC – efeito (page peal) Claquete Apesar da determinação, o Conjunto Penal Feminino ainda não conta com a estrutura específica para atender gestantes e parturientes.	17”	TEC - Música “Aos Nossos Filhos” (Ivan Lins/Vitor Martins) 00:00 – 00:17

Fonte: SJCDH/Vara de Execuções Penais

TEC – efeito (page peel)

**BLOCO 5**

A lei da separação  
(arte gráfica)  
Fade out

Sonora Maria Lúcia de Oliveira Almeida  
FITA 05  
TC 00:34:50:18 – 00:35:46:02

Imagem/ amamentação  
FITA 01  
TC 00:18:15:00 – 00:18:20:00

Imagem/ amamentação  
FITA 01  
TC 00:19:06:00 – 00:19:10:00  
TEC – (Efeito de desfoque de imagem  
localizado na criança

Imagem/ amamentação  
FITA 01  
TC 00:19:15:00 – 00:19:20:00  
TEC – (Efeito de desfoque de imagem  
localizado na criança

Sonora Elisabete Almeida Santos  
FITA 01  
00:02:00:00 – 00:02:11:19

Sonora Eliete Santos Salvador  
FITA 01  
00:20:15 - 00:27:47

Sonora Rosângela Álvares Maia  
FITA 03  
TC 00:34:48 – 00:35:03

TEC - Efeito (cubo)

Sonora Andreamara dos Santos  
FITA 06  
01:30:52:20 01:30:12:24

6”

TEC - Música “Obrigado Mãe”  
(Pedro Bandeira)  
00:01 – 00:06

26”

“A amamentação é o prazo..junto à  
mãe...

...então o que é que elas fazem ...

Prorrogam ao máximo esse prazo..

...Porque enquanto amamentar a  
criança esta perto dela”

11”

“Eu não quero me afastar de meus  
filhos...eu acho que vou sofrer  
muito”

7”

“Eu quero ir embora...eu me mato”

23”

“Para falar a verdade eu não quero  
nem pensar....a única coisa que eu  
tenho é o meu filho”.

13”

“Convencionamos em fixar...  
antes disso de forma alguma”

<p>Sonora Denise Tourinho FITA 5 TC 00:13:37:29 – 00:14:07:01</p>	<p>48”</p>	<p>“O risco de estar dentro de uma unidade ...favorece mais do que prejudica...</p>
<p>Imagem/fraldas FITA 1 TC 00:11:00:00 – 00:11:05:00</p>		<p>..chega um determinado momento...precisa..</p>
<p>Imagem/ bebê no colo FITA 2 00:29:12:00: - 00:29:19: 00</p>		<p>...estar fora do contexto doméstico...</p>
<p>Imagem/ bebê no colo aberta FITA 2 00:29:12:00: - 00:29:19: 00</p>		<p>...do ambiente físico da casa onde ela mora....é submetê-la a uma pena”</p>
<p>Claquete Os processos penais das mulheres, que estão grávidas ou que estão com os bebês na cadeia, não têm prioridade no sistema judiciário.  fonte: Vara de Execuções Penais</p>	<p>17”</p>	<p>TEC - Música “Aos Nossos Filhos” (Ivan Lins/Vitor Martins) 00:00 – 00:17</p>
<p>Sonora Denise Tourinho FITA 5 TC 00:09:22:18 – 00:10:15:09</p>	<p>50”</p>	<p>“Na verdade esse é um problema... para pleitear a celeridade desse processo”</p>
<p>Sonora Andreamara dos Santos FITA 06 TC 01:27:04 01:27:32</p>	<p>27”</p>	<p>“Eu não tenho aqui destacado... para que eu determine que me seja destacado quem são as mulheres gestantes.</p>
<p><b>BLOCO 6</b> Família: o elo sagrado (arte gráfica) Fade out</p>	<p>6”</p>	<p>TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06</p>
<p>Sonora Maria Lúcia de Oliveira Almeida FITA 05 TC 00: 36:11:18 -00:37:18:15</p>	<p>23”</p>	<p>“Quando a criança vai crescendo ...muitas vezes elas preferem que não venha”.</p>
<p>TEC – Arte gráfica 32% das presas não recebem visitas</p>		



regulares		
Sonora Rosângela Álvares Maia FITA 04 TC 00:33:07:00 - 00:33:44:00	24”	“Eles não sabem o que fiz...para que não me venham julgar”;
Sonora Eliete Santos Salvador FITA 01 TC 00:20:00 00:27:17	7”	“Eu não quero que meus filhos saiba...outro é texero”
Sonora Simone Cardoso dos Santos FITA 02 TC 00:42:42:00 - 00:42:51:08	11”	“O meu de cinco anos vive com a avó ...na hora que fecha bate muita tristeza.”
<b>BLOCO 7</b> A mulher e o crime por amor (arte gráfica) Fade out	6”	TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06
Sonora Silvana Salem FITA 07 TC 00:48:20 - 00:48:56	34”	“A relação com a família... elas se propõe a esse tipo de trabalho pela sobrevivência”
TEC – Arte gráfica Classificação das presas por tipo de delito: Entorpecentes – 50.84% Furto – 14.40% Roubo – 11.86% Homicídio – 11.1% Latrocínio – 3.8% Outros – 8.37% Fonte: SJCDH – situação em maio de 2009		
Sonora Amanda Costa FITA 3 TC 00:02:29:00 – 00:02:41:27	24”	“Eu conheci meu marido em Ribeirão Preto ...
Imagem Amanda costurando FITA 03 TC 00:01:04:16 – 00:01:09:25		...Depois de dois anos aqui em Salvador...
Imagem Amanda costurando (tatuagem) FITA 03 TC 00:02:16 – 00:02:25		.. Vim saber que ele estava envolvido..
Imagem Amanda costurando FITA 03 TC 00:03:14:06 – 00:03:19:25		...Não tem essa que disse que largue já estava com ele e fiquei”.

<p>Sonora Eliete Santos Salvador FITA 01 TC 00:26:47:07 00:26:53:10</p>	<p>6”</p>	<p>“Me envolvi com esse cara ...e fazer o que não devia ser feito”</p>
<p>Sonora Eliete Santos Salvador FITA 01 TC 00:26:57:00 00:27:04:05</p>	<p>7”</p>	<p>“É essa droga que ...tudo que eu to passando aqui nessa cadeia”</p>
<p>Sonora Rosângela Álvares Maia FITA 04 TC 00:04:20:75 00:42:23 TEC – (Efeito de desfoque de imagem localizado na criança</p>	<p>22”</p>	<p>“Crime nenhum compensa...compensa nada”</p>
<p>Sonora Andreamara dos Santos FITA 06 TC 01:48:07 01:48:19</p> <p>Sonora Andreamara dos Santos FITA 06 TC: 01:49:21 01:50:31</p> <p>TEC – Arte gráfica 50% é a taxa de reincidência feminina no sistema prisional</p>	<p>15”</p> <p>10”</p>	<p>“Se olharmos o perfil daquelas mulheres...relação amorosa”</p> <p>“E depois que entra...o Estado cumprir a sua parte”</p>
<p><b>BLOCO 8</b> Fortaleza Divina (arte gráfica) Fade out</p> <p>Sonora Andreamara dos Santos FITA 06 00:01:36:36 01:37:03</p>	<p>6”</p> <p>23”</p>	<p>TEC - Música “Obrigado Mãe” (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06</p> <p>“A família e a região...não abandona o preso ou a presa”.</p>
<p>Sonora Simone Cardoso dos Santos FITA 02 TC 00:44:12:00 00:44:29:02</p>	<p>17”</p>	<p>“Só Deus me segura nesse lugar... loucura comigo mesmo”</p>
<p>Sonora Amanda Costa FITA 3 TC 00:23:20 00:23:38</p>	<p>18”</p>	<p>“Sou espírita...peço muito a ele”</p> <p>“Tenho muita fé...deus não vai me</p>

Sonora Rosângela Álvares Maia FITA 3 TC 00:23:20 - 00:23:54	34"	abandonar"
<b>BLOCO 9</b> Mãe: o caminho da vida (arte gráfica) Fade out	6"	TEC - Música "Obrigado Mãe" (Pedro Bandeira) 00:01 – 00:06
Sonora Elisabete Almeida Santos FITA 01 TC 09:13:17 00:09:22:18	7"	"É minhas luzes...meus dois filhos"
Claquete Elisabete foi beneficiada com a progressão de regime e cumpre prisão domiciliar junto dos seus dois filhos.	6"	TEC – Música "Mãe" (Minas do Gueto) 00: 04 – 00:10
TEC – Efeito (page wipe)		
Sonora Eliete Santos Salvador FITA 01 00:25:23: 03 – 00:25:29:00	6"	"Eu sofro muito..agora ela não quer vim me ver"
Claquete Exames confirmaram que a gestação de Eliete era psicológica. Ela recebeu livramento condicional.	6"	TEC – Música "Mãe" (Minas do Gueto) 00: 04 – 00:10
TEC – Efeito (page wipe)		
Sonora Amanda Costa FITA 3 00:11:36: 00 - 00:11:53:21	18"	"Eu acho que...nunca me explicava o porque o não"
Claquete Amanda cumpre prisão domiciliar junto com seus dois filhos.	6"	TEC – Música "Mãe" (Minas do Gueto) 00: 04 – 00:10
TEC – Efeito (page wipe)		
Sonora Simone Cardoso dos Santos	9"	"Me dá muita tristeza..nesse lugar"

<p>FITA 02 TC 00:36:45 00:36:54</p> <p>Claquete Simone foi assassinada menos de uma semana depois de receber a liberdade. Seus dois filhos vivem com os avós.</p>	<p>6”</p>	<p>TEC – Música “Mãe” (Minas do Gueto) 00: 04 – 00:10</p>
<p>TEC – Efeito (page wipe)</p> <p>Sonora Rosângela Álvares Maia FITA 03 TC 00:34:06 - 00:34:36</p>	<p>30”</p>	<p>“Ser mãe...ter três filhos maravilhosos como eu tenho”</p>
<p>Claquete Rosângela foi sentenciada há 1 ano e 11 meses de reclusão. Ela ficará com o filho até o final da amamentação.</p> <p>TEC – Efeito (page wipe)</p>	<p>6”</p>	<p>TEC – Música “Mãe” (Minas do Gueto) 00: 04 – 00:10</p>
<p><b>Encerramento</b></p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO 2009.1</p> <p><b>JORGE GAUTHIER</b> direção, produção, reportagem, roteiro e edição</p> <p><b>PAULO SILVA</b> Imagens</p> <p><b>GEORGENES ISAAC</b> assistente de gravação <b>SELMA BARBOSA</b> finalização e infografia</p> <p><b>GUSTAVO</b> efeitos especiais</p> <p><b>TRILHA SONORA</b> Obrigado, mamãe (Pedro Bandeira)</p>		<p>TEC - Música “Aos Nossos Filhos” (Ivan Lins/Vitor Martins) 00:18 – 01:19</p>

Mãe

*(Minas do Gueto)*

Aos Nossos Filhos

*(Ivan Lins/Vitor Martins)*

**WASHINGTON JOSÉ DE SOUZA  
FILHO**

Orientação

**AGRADECIMENTOS**

Amanda Costa

Daniela Santos Bulhosa

Elisabete Almeida Santos

Eliete Santos Salvador

Rosângela Álvares Maia

Simone Cardoso dos Santos

Direção e funcionários do Conjunto Penal

Feminino da Bahia

Evandir Andrade

Georgenes Isaac

Ingrid Nayan

Marcos Nunes

Paulo Silva

Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos  
Humanos

(Denise Tourinho,

Einar Lima/assessoria de comunicação)

Selma Barbosa

Simone Bortoliero

Vara de Execuções Penais

(Andreamara dos Santos)

Dedicado às memórias de João Demostenes  
Sousa (1945 – 2007)

e Maria Andrade dos Santos (1934 - 2007)

**LTV – FACOM**

Realização

\*TEC- orientação técnica

**ANEXO B** – Autorizações de uso de imagem

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 12 de março de 2009.

Andremar do Furtado

Assinatura

2.941.463 (SSP/Ba) 270.224.555-20

RG/CPF

Rua Beberibe, 526, Cond. Jullia Thomaz - Ed. Tiazze

Endereço

Freixo, apto 1001, Pituba, Salvador (Ba).

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 20 de outubro de 2009.

Jorge Gauthier Santos Souza

Assinatura

24387888-35

RG/CPF

ALAMEDA / SIMÕES 1024

Endereço

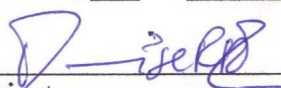
AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 13 de Fevereiro de 2009.

  
\_\_\_\_\_

Assinatura

03.300.307-60 / 444.228.735-04

RG/CPF

\_\_\_\_\_  
Endereço



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acide descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 15 de setembro de 2008.

Assinatura

Eliete Santos Sobradin  
RG/CPF

Rua Anderson Costa Nunes, Vale das Pedrinhas  
Endereço

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 15 de setembro de 2008.

Elsadete Almeida Santos  
Assinatura

RG/CPF

Rua Davi Ferreira N: 13E - Tancredo Neves  
Endereço

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acide descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 09 de março de 20 09

Maria Leícia de Oliveira Almeida  
Assinatura

RG/CPF TEL 3247-6357/88665655

\_\_\_\_\_  
Endereco

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acide descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 09 de março de 2009

Jorge Gauthier Santos Souza

Assinatura

RG/CPF

Endereco

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acide descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 22 de setembro de 20 08

Simone Gaudes Santos

Assinatura

RG/CPF

Rua dos Humildes nº 320 - Pra. Praça Gênesis

Endereço

3213547 32137543


AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS  
BIBLIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor obras audiovisuais que venham a ser planejadas, criadas ou produzidas por Jorge Gauthier Santos Souza em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, com sede na Rua Barão de Geremoabo, S/n – Campus Universitário de Ondina CEP 41170115 Salvador Bahia, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange o uso em mídia impressa como também em mídias eletrônicas, internet, banco de dados, DVD, suporte de computação gráfica e relatórios históricos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acide descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro.

Salvador, 20 de outubro de 2008.

  
Assinatura  
790 644 341 - 15  
RG/CPF

Bda Villegas nº 17 3º D  
Endereço Espanha - Sevilla